

**PORQUE FOI SUSPENSA  
A "TRIBUNA POPULAR"**

**O GOVERNO QUER SILENCIO SOBRE  
OS SEUS CRIMES CONTRA O POVO**

(LEIA NA 7.ª PAGINA)

# O POVO DEVE RECONQUISTAR A PRAÇA PUBLICA



**Centenário da Revolução  
de Fevereiro na França**

(LEIA NA QUARTA PAG.)

## COLOQUEMO-NOS A' FRENTE DA MASSA LEVANTANDO SUAS REIVINDICAÇÕES

**O MANIFESTO DE PRESTES E O  
EXEMPLO DE CABO FRIO**

**CARLOS MARIGHELA**

O MANIFESTO DE PRESTES é um documento de fundamental importância, cujo significado vai se tornando dia a dia cada vez mais claro, à medida que as massas se comprometem da justiça de seu conteúdo.

Não tem certamente como objetivo registrar apenas um protesto contra o atual estado de coisas e a subserviência do governo Dutra aos lobos do Imperialismo norte-americano. Mais do que isso, o Manifesto de Prestes é, sem dúvida alguma, o mais poderoso instrumento de que dispõe o nosso povo, nesta hora, para a luta pelas suas reivindicações e pelos seus direitos.

Da força, do calor, do entusiasmo que este documento vem infundindo às mais amplas massas pode falar agora o povo de Cabo Frio, cidade fluminense habitada por salineiros e pescadores.

O Manifesto de Prestes chegou a Cabo Frio num momento difi-

cil para a sua população. A cidade estava sem luz e a empresa fornecedora de energia recusava-se a continuar funcionando. Como sempre, o prefeito e as demais autoridades viram com a mais criminosa indiferença a situação da empresa.

(Conclui na 6.ª pag.)

# A CLASSE OPERÁRIA

ANO II — RIO DE JANEIRO, 21 DE FEVEREIRO DE 1948 — Nº 113

## O CENTRO DE NOSSA LUTA: AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS

Não é somente a soberania de nossa Pátria, que está ameaçada pelo plano de colonização do Imperialismo lanque. A própria existência física do povo brasileiro corre perigo. Este é um dos aspectos mais importantes que ressaltam do Manifesto de Prestes.

O ataque dos grandes monopólios e bancos americanos visa reduzir nossa economia a um estado tal que liquide qualquer veledade ou pretensão patriótica de industrialização e progresso nacional. Asseta golpes cada vez mais demolidores aos esforços de nosso desenvolvimento industrial, orienta o governo Dutra no sentido de oficializar a política de preços altos e de baixos salários, quer transformar-nos num país unicamente produtor de matérias primas para suas aventuras guerreiras e seus propósitos de dominação mundial.

Essa ofensiva dos imperialistas é sincronizada com medidas que visam suprimir nossas liberdades e todos os direitos essenciais e necessários à conquista de uma vida digna e independente para nosso povo. Ao mesmo tempo que a Light quer aumento de tarifas e consegue endosso para um empréstimo de quase dois bilhões de cruzeiros, a ditadura Dutra proíbe qualquer manifestação da opinião pública e procura afogar a consciência democrática numa onda de terror. Ao mesmo tempo que a Standard Oil pretende abocanhar nosso petróleo, o governo dos Daniel de Carvalho e Acarajó Costa assalta jornais, suspende-os, cassa mandatos, prende, espanca e assassina cidadãos impunemente; ao mesmo tempo que os frigoríficos e os moinhos estrangeiros aumentam os preços da carne e do pão, o governo dos Morvan e dos Correia e Castro congela salários, intervém nos sindicatos e considera qualquer luta dos trabalhadores por melhores condições de vida como ato de sabotagem.

É calamitosa a situação de nosso povo. Os preços subiram nestes dois últimos anos de mais de 200 por cento. Os salários e ordenados conservaram-se os mesmos. Assim a maioria dos trabalhadores acha-se na miséria. Além disso, pesa cada vez mais sombriamente sobre o proletariado o fantasma das doenças e do desemprego. Entretanto crescem os lucros dos banqueiros imperialistas e de agentes capitalistas nacionais, que se aliam para a desumana exploração de nosso povo.

Lutar contra esse estado em silêncio e de braços cruzados é, nos dias de hoje, o deploravelmente dos trabalhadores. Indica-nos o Manifesto de Prestes, em nome do C. N. do Partido Comunista do Brasil, que não podem assistir

**UM PODEROSO FATOR DE ORGANIZAÇÃO DAS MASSAS**  
**PEDRO POMAR**

Está, pois, na ordem do dia, a luta imediata pelas reivindicações mais sentidas de todas as camadas exploradas e oprimidas. Quer dizer que a tarefa central dos patriotas para a defesa da soberania nacional e a remoção das causas que nos levam ao aniquilamento físico só poderá ter sucesso se tiver como eixo a luta pelas reivindicações mais urgentes das grandes massas. Esse será sem dúvida o fator decisivo para a formação da poderosa frente democrática que nos conduzirá a um governo verdadeiramente popular e progressista, que liquide o monopólio da terra e a dominação imperialista. Isto porque a luta pelas reivindicações, pelo seu próprio caráter coletivo, poder mobilizar grandes massas, elevar o seu nível combativo e político, determinar o entendimento pela base dos trabalhadores e cidadãos dos mais diferentes partidos e crenças, solidificando a unidade indispensável — única maneira de solucionar os problemas fundamentais da revolução brasileira.

Um povo como o nosso, num estágio de civilização semi-feudal e semi-colonial, faminto, analfabeto, doente, tem imensas reivindicações. Já o disse Prestes que a luta por aumento de salários, contra a carestia, pela divisão de ter-

(Conclui na 6.ª pag.)



**STALIN** — Organizador e dirigente supremo do Exército Vermelho na grande guerra de libertação. No trigésimo aniversário do glorioso exército da União Soviética, sua figura genial é lembrada com admiração pelos povos livres de todo o mundo. — (Ver matéria na 4.ª página)

**neste número**

• O Manifesto de Prestes e o exemplo de Cabo Frio 1.ª pag.

• O ésto fundamental da nossa luta 1.ª pag.

• Quirinópolis, um símbolo de um exemplo 2.ª pag.

• Illegal e contra os trabalhadores o Imposto Social 3.ª pag.

• Levantem os camponeses as suas reivindicações 3.ª pag.

• Sobre o livro de Prestes 6.ª pag.

• Pablo Neruda fala à América 3.ª pag.

• Ensinamentos da Revolução de 48 5.ª pag.

• A. U. R. S. S. desmascara os falsificadores da História 3.ª pag.

**CONSPIRAÇÃO IMPERIALISTA CONTRA O POVO CHILENO**

## PABLO NERUDA FALA À AMERICA

Texto na 3.ª pag.





# QUIRINOPOLIS - UM SIMBOLO E UM EXEMPLO

ARTUR CABRAL

Os jornais noticiaram os acontecimentos de Quirinópolis. Mas não basta. É preciso que eles sejam amplamente divulgados, que sejam conhecidos de todos os brasileiros — e, em particular, de todos os trabalhadores da cidade e do campo. Quirinópolis, município de Goiás, contém os elementos organizados que fazem a política dos coronéis da terra. Livram homens simples e pacíficos que exploravam seu pedaço de terra, desvendaram seu regime de corrupção, e aplainavam sua lavoura e a favela local. As balas dos policiais que vinham enfiadas na sua polícia de chibato, a máfia dos Tambores de Lá — eles responderam também à luta. Desideraram-se. Lutaram com a decisão e a energia dos que sabem que estão defendendo seu próprio direito de viver. E venceram o primeiro embate.

Esse exemplo deve ser conhecido pelo país afora. E que Quirinópolis não representa apenas uma demonstração vitoriosa do que pode fazer a resistência organizada, num município longínquo de Goiás: Quirinópolis é um símbolo, porque marca uma época nova, uma mudança de qualidade na vida política nacional. Marca a entrada em ação, a entrada em luta, por seus próprios meios, da população camponesa do Brasil. Pode-se replicar que se trata de um fato local. É verdade. Mas fica demonstrado que a consciência de classe ganha os homens do campo, e que estes — não só não esperam mais nada das classes dominantes, mas se dispõem a defen-

der, «contra elas», a sua terra a sua vida, a sua pequena propriedade, contra a polícia, contra o aparelho do Estado. Como os operários e os demais trabalhadores da cidade, o camponês começa a compreender bem o verdadeiro conteúdo do Estado que impera sobre a Nação, como um instrumento dos grandes proprietários latifundiários e do imperialismo. E é bem um sinal dos tempos que esses pequenos proprietários tenham tido que defender — contra um Estado que se diz nacional — o seu pequeno lote de terra! Na verdade, nada se pode esperar de um Estado dominado pela coalizão do latifúndio e do imperialismo, vivendo da escravidão do homem, do atraso técnico e do obscurantismo generalizado: um mostro político inimigo de todo progresso, de todo princípio de humanidade, de toda inovação. Os coronéis da terra e os agentes imperialistas, ainda elementos do poder, são bem o «elemento velho», decadente e condenado, da nossa sociedade. Estão condenados pela ciência, pelo progresso, pelo anseio de paz e de liberdade do povo. Seu regime, suas normas de ação, vivem seus últimos momentos na história política dum mundo em marcha para o socialismo. Assim, só podem governar espezinhando

e traído os interesses das demais camadas da população. Só podem impor sua política e seus interesses de forças do passado — destruindo as leis e as conquistas democráticas acumuladas pelo povo no caminho dum futuro melhor. A propriedade privada é inviolável — diz a lei. Mas as leis são interpretadas, oficialmente, segundo o interesse de classe a que servem os governantes, os senhores do Estado que executa essas leis. Na que toca às imensas extensões de terra, mal exploradas ou totalmente inculcadas, onde imperam o barracão e o trabalho braçal de há quatro séculos atrás — o latifúndio — e no que toca à grande propriedade bancária e industrial — sobretudo aos bancos e às empresas estrangeiras — o Estado impõe, com a maior violência, o respeito a esse «direito sagrado». E o que ele entende por propriedade: é a propriedade dos grandes senhores. Mas fora disso, para a sua polícia e para todo o seu aparelho de governo, colocado acima do povo e contra o povo, a propriedade não existe. Os policiais invadem à noite, sem o mínimo respeito, o que há de mais sagrado e de mais íntimo na propriedade e na liberdade do indivíduo e da família: o recesso do lar. Invadem e depreciam redações de

jornais, inutilizam máquinas e destroem no valor de milhões de cruzeiros acumulados pelo povo. Ai estão os exemplos depredatados dos assaltos à imprensa popular, na Bahia, em Natal, em São Paulo, no Rio. E a propriedade do povo, o governo não a reconhece. Em plena praça pública, aprendem-se e inutilizam-se edições inteiras de jornais populares, embora cada tiragem represente força de trabalho, papel, impostos, riqueza acumulada e propriedade reconhecida. As classes dominantes estão destruindo, elas mesmas, os princípios que — em seu próprio interesse — haviam transcritos na lei, como princípios sagrados. Elas se mostram incapazes de respeitar «a sua própria lei». No fundo, é a subversão da «sua própria ordem», estabelecida através do roubo, do sangue, do crime e da violência contra a maioria, através de séculos: é a criação «perjurosa dos precedentes», como se chegou a afirmar, no Parlamento, por ocasião do assalto às oficinas da TRIBUNA POPULAR.

Isso, nas cidades. E no campo, onde predomina uma economia pré-capitalista — com vestígios fortes de escravidão e do feudalismo? Onde o homem não possui sequer a propriedade de si mesmo, onde se lhe dificulta a própria liberdade de locomoção, onde, em certos lugares, se vendem os trabalhadores, como mercadorias (frente da Bolívia e do Paraguai, confin da Amazonia, etc.)? Onde — um pouco por toda parte — a onipotência tirânica do barracão e do vale continuam, de certa forma, o regime de escravidão?

No entanto, vivem no campo 33 milhões de brasileiros, 70 % de nossa população. É uma imensa nação de camponeses sem terras: o número de proprietários não atinge dois milhões. Os restantes trabalhadores de sol a sol, sem lei, sem direitos, são os mais despozdados formas de exploração. De 9 milhões de trabalhadores, há apenas «100» a «200» mil assalariados agrícolas. Pequenos proprietários, meeiros, terceiros, arrendatários, constituem uma fração pequena da população. E ainda: em 67.000 arrendatários paulistas, 31.000 pagam o arrendamento em espécie, em bases ainda semi-feudais. Em cerca de 5.800.000 camponeses paulistas (dados da Secretaria de Agricultura) há menos de «150.000» pequenos proprietários. Ai está a marca do campo brasileiro: a concentração. Em São Paulo, «11,5%» dos proprietários dispõem de 70 % das terras distribuídas. Mais ainda: uma classe dominante, algumas dezenas de famílias, representando apenas «0,7 %» do número de propriedades controlam mais de 30 % do território do Estado!

E assim, por toda parte: Em Minas, 7,3% da população possuem 70 % das terras. Em Pernambuco, «14» propriedades de usineiros equivalem à superfície de «14» municípios do Estado! Assim, o solo nacional, propriedade da Nação — foi roubado ao povo. Mais que isso: foi e continua a ser utilizado «contra» o povo. Canalizou-se a energia do homem para os produtos de exportação — que interessam ao imperialismo. E como o homem não conta, num regime inumano e primitivo em que a miséria nacional se torna a lei do Estado — o próprio interesse da subsistência nacional foi condenado. Um exemplo apenas: a área cultivada em todo o Brasil representa apenas «1,5 %» do imenso território nacional. Mas a parte destinada aos pro-

dutores alimentícios necessários à população não alcança sequer «13» dessas terras cultivadas — ou seja, 0,5 % das terras do país!

Até agora, esse crime foi possível porque faltou organização à massa camponesa. E se esta faltou foi fundamentalmente devido à ausência de uma necessária direção política, nas mãos da classe do presente e do futuro — o proletariado. Os senhores da terra compreendem bem o que é a «organização» como norma de luta. Não é por acaso que continuam ainda hoje a tentar impedir, pela violência, toda base de organização popular, sindical, camponesa, juvenil.

Aliado fundamental do proletariado, em sua luta pelo bem-estar e pela liberdade dos brasileiros, assim como pelo progresso e pela independência nacional, o camponês tem um papel decisivo na revolução brasileira. Até agora, ele esteve esmagado sob a tirania dos coronéis da terra. Dai a importância e o símbolo de Quirinópolis — marco e base de partida. Mas há ainda um caminho imenso a percorrer — caminho de organização, de resistência, de luta. Caminho que é difícil, mas é o único que resta. Pois é só no combate, por todos os meios, contra a política de terror e de miséria das classes dominantes, que nosso povo poderá escapar ao aniquilamento físico a que o querem condenar. Chegamos a um desses momentos históricos em que só as lutas decidem. Já se foi o tempo em que lutar contra as classes dominantes e sua monstruosa forma de Estado era a consequência dum ideal, dum patriotismo mais esclarecido, apoiado na ciência do marxismo-leninismo, a qual, como uma bússola, aponta o caminho das melhores soluções em cada etapa histórica. Hoje a luta contra os senhores do monopólio da terra e seu aliado — o imperialismo — está se tornando apenas uma condição para poder viver, uma imposição do próprio instinto de conservação do nosso povo. A miséria se agrava e se estende de tal modo que essa luta vai se tornando inevitável. E a luta contra a fome só pode ter como expressão econômica e política a oposição a esse «governo de fome», «governo» o mais inepto que conheceu a história republicana do país, governo anti-nacional a serviço dos imperialistas americanos e dos senhores da terra. Não é sem razão que em São Paulo, capital industrial do país, certos setores da burguesia procuram desviar o campesinato do caminho da luta, tentando canalizar o seu descontentamento e apontar-lhe «soluções» e formas de organização sob seu controle direto. Já nas eleições de novembro de 47, o sr. Vargas repetira, várias vezes, que «cabe à bur-

guesia industrial apontar e caminhar e guiar o povo». E o problema da hegemonia na revolução democrática-burguesa brasileira. E o medo de novos e numerosos Quirinópolis através do país. E o medo de que a massa imensa de milhões e milhões de brasileiros do campo aceite as soluções e as diretrizes da classe operária, e se alie entre as forças efetivas de libertação nacional, tendo à frente os comunistas e o guia genial do nosso povo — Luiz Carlos Prestes. E hoje, ninguém pode ter dúvidas sobre o programa que os comunistas defendem em sua luta pela solução dos problemas brasileiros: a luta contra o latifúndio, a entrega da terra aos camponeses, e, com a nacionalização dos bancos, das empresas estrangeiras e do comércio exterior — a sua pedra angular.

Mas, para chegar a isso, o proletariado deve empenhar-se num esforço titânico de união, de organização, de persuasão, de combate. Tivemos um momento em que, como dizia Lenin, é necessário «fazer prodígios de organização operária e popular». E é reforçando, corrigindo, ampliando cada dia e cada hora a sua própria organização e suas formas próprias de luta, que a classe operária elevará mais depressa o nível de combate e, impondo a sua resistência ativa, infundirá confiança e abrirá caminho às massas trabalhadoras em geral.

Cabe assim à nossa classe operária — elemento novo da nossa sociedade e motor de nossa história — uma imensa responsabilidade. A revolução agrária e anti-imperialista, olhada de frente, põe em primeiro plano a aliança com a massa camponesa e as camadas médias urbanas. Mas a organização e a luta desses milhões de brasileiros só serão possíveis apoiadas numa organização sólida do próprio proletariado, em sua orientação política, em suas lutas, em seu exemplo. Cabe ao proletariado abrir caminho, mostrar que a luta é possível, criar formas sempre novas de organização, indicar o caminho a seguir. Cabe-lhe combater o regime de política patriótica que o país reclama — ajudar incessantemente à união e à organização de todos os trabalhadores do campo e da cidade. «Quirinópolis mostra o caminho da organização, o desejo de luta e a consciência de classe dos camponeses. Para estimulá-los, para apoiá-los, para abrir-lhes novas perspectivas, o caminho é ainda a organização, a luta cada vez mais intensa, da classe operária. E no combate paciente, constante e corajoso de todos os trabalhadores da cidade por melhores salários, por melhores condições de trabalho, pelo respeito às leis trabalhistas, por seus direitos adquiridos, que o proletariado vai reforçar a luta dos seus aliados do campo, defender a soberania nacional e ampliar o caminho para novos e novos Quirinópolis através do Brasil.

Leia "PROBLEMAS" A cultura ao seu alcance

## "A CLASSE OPERARIA" Em Edição Especial

A 9 de Março próximo completam-se dois anos de atividades da CLASSE OPERARIA nessa sua nova fase. Como ocorreu em 1947, comemoramos festivamente a data e solicitamos aos nossos amigos, correspondentes e agentes distribuidores nos Estados que também o façam.

Esta será uma forma de ligarmos mais ainda a nossa querida A CLASSE aos trabalhadores e ao povo, em quem confiamos para vencer as dificuldades com que nos defrontamos atualmente, intensificando sua circulação por todo o país.

A edição da CLASSE OPERARIA de 6 de Março, sábado, será dedicada à data, com um mínimo de 12 páginas e contendo artigos de conhecidos líderes da classe operária.

Pedimos que os nossos amigos nos comuniquem quaisquer iniciativas tomadas para festejar o aniversário da A CLASSE.

Leia "PROBLEMAS" A cultura ao seu alcance



## FILHOS DO POVO

### KLEMENT GOTTFWALD

dustrial. E enviado a Viena para as oficinas de um seu parente, onde se colocou como aprendiz de marceneiro.

Em Viena, apesar do trabalho rudo — que vai até às 8 e 10 horas da noite — Gottwald lê e estuda afluente. Este hábito tornou-se uma parte de sua personalidade, permitindo-lhe a aquisição de sólida e vasta cultura, que se estende tanto ao campo da política e da filosofia, como ainda da literatura.

Nessas leituras o jovem Gottwald começa a tomar contacto com o movimento social democrático, para o qual vêm sendo impellido pela necessidade de lutar por melhores condições de trabalho para a sua classe. Adere, então, às juventudes social-democráticas tchecas, onde milita ativamente.

Rebenta a guerra imperialista de 14 e Gottwald é mobilizado. Mas, compreendendo logo o seu caráter imperialista, aproveitada de uma licença que lhe é concedida depois de ferido em 1915 e não retorna ao regimento.

A revolução socialista na Rússia, em 1917, ajuda-o a encontrar o caminho justo na luta do proletariado pela sua libertação. O livro de Lenin, o «Estado e a Revolução» abre-lhe os olhos para os problemas fundamentais do seu povo. «Esse livro foi para mim uma revelação. Como se os meus olhos se abrissem de repente. Muitas coisas me saltavam aos olhos; coisas em torno das quais eu rondara durante anos como um régo».

Dei em diante, Gottwald se torna rapidamente um dos mais queridos dirigentes operários da Tcheco-slováquia. Em 1921 é fundado o P. C. tcheco e a ele se filia Gottwald, dedicando-lhe todo o seu trabalho, para o que abandona a oficina. Por ocasião do terceiro congresso do Partido, em 1925, é eleito membro do Comitê Central, em 1926 ocupa o Secretariado Geral, na qualidade de membro do Bureau Político.

Em 1929, o relatório tcheco o elegue para a Câmara dos Deputados. Dentro do Partido sustenta forte luta contra os elementos

oportunistas infiltrados na direção, e esta luta é coroada de êxito, nesse mesmo ano.

O Partido tcheco entrava no caminho de sua proletarianização. E isso permitiu que a vanguarda da classe operária tcheco-slovaca enfrentasse com firmeza os duros combates a que sejam submetidos desde então, o proletariado e o povo de sua terra.

Enfrenta assim a luta pela soberania nacional e pela paz, ameaçadas com a ascensão, em 1932, do nazismo na Alemanha. O Partido se torna, antes de Munique, o campeão da unidade do povo e das forças democráticas. A 11 de outubro de 1938, no momento em que as tropas alemãs invadiam as fronteiras tchecas Gottwald faz perante o Bureau permanente da Câmara dos deputados, um vigoroso protesto contra a traição de Munique e exige a mobilização de todas as forças democráticas. O discurso foi censurado e proibido de ser publicado. Era a traição dos «quislincs» tchecos às aspirações patrióticas do povo, interpretadas pelo presidente do Partido Comunista.

Ocupada a Tchecoslováquia pelos nazistas, os comunistas caçados a ferro e fogo, exilam-se na União Soviética de onde continuam a dirigir a luta de resistência de seu povo. Lança a palavra de ordem da luta ativa contra os «avassaladores» de formação de Comitês Nacionais Como órgão dirigente da revolução.

O nazismo é militarmente derrotado. O P. C. tcheco, que comandava a resistência interna aos invasores, ressurgiu à legalidade e obtem, nas eleições que se realizam para a composição dos órgãos diretivos da nova República, a esmagadora maioria dos sufrágios populares.

Gottwald torna-se o primeiro ministro de seu país e conduz a ca da Tcheco-slováquia. Sob sua luta pela recuperação econômica do país atinge rapidamente o nível de produção de antes da guerra e em alguns setores o ultrapassa.

(Fonte de informações mais amplas: «Gottwald», na coleção «Líderes do proletariado e do povo», Editora Vitória).

**A CLASSE OPERARIA**  
 Diretor Responsável:  
**Maurício Grabois**  
 Edição e Administração:  
 AV. RIO BRANCO, 257  
 12.º and. — Salas 1711-1712  
 Rio de Janeiro - Brasil D.F.  
 ASSINATURAS:  
 Anual ..... Cr\$ 30,00  
 Semestral ..... Cr\$ 15,00  
 Número avulso ..... Cr\$ 0,50  
 Anunciado ..... Cr\$ 1,00



# Conspiração Imperialista Contra o Povo Chileno

## PABLO NERUDA FALA À AMÉRICA

### VIOLENCIAS E PROVOCAÇÕES DA DITADURA

A prisão dos deputados comunistas e a repetição das provocações de 37

Apesar das "garantias" que os homens do "partido norte-americano" expressaram, quando votavam a lei de cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, de que nenhum dos deputados roubados nos mandatos que o povo lhes conferiu sofreria violências, a verdade é que já se encontram presos quatro desses parlamentares, aos quais o governo de traição nacional de Dutra procura envolver nas mais primárias e cínicas provocações.

Em Recife está preso Gregório Bezerra; em Alagoas, o deputado estadual José Maria Cavalcanti; em São Paulo, o deputado federal e herói da FEB, Gervásio Gomes de Azevedo e o deputado estadual João Taibo Cadorniga.

Tentando reviver as mesmas provocações de que se valeram para o golpe de 1937, Dutra e seus comparsas, com o apoio da imprensa ligada à Embaixada Norte-Americana, apresentam esses patriotas como implicados numa "vasta rede de sabotagem" em incêndios de quartéis, ataques a prisões, destruição de centros industriais, difusão de "material subversivo" e outras acusações de igual estilo.

Destá vez não há nenhum "plano Cohen" no papel, mas a verdade é que todas essas provocações são, em síntese, as mesmas, sem tirarem nem por, do famoso documento nazi-integralista. Tal é a pobreza de imaginação do grupo fascista e de seus patrões da Embaixada Norte-Americana, tão justamente chamados por Togliatti de "cretinos", dando o primarismo de seus "argumentos" contra os patriotas e os cidadãos progressistas.

A verdade, porém é que, de 1937 até a presente data, elevou-se consideravelmente o nível político de nosso povo, que já está bem esclarecido sobre o caráter fascista do pequeno grupo de serviços do imperialismo que monopoliza o poder em nossa terra. Não foram em vão os anos da ditadura estadonazista, a luta gloriosa contra o nazi-fascismo e o envio da FEB, e, especialmente, os dois anos de legalidade do Partido Comunista.

As grandes massas brasileiras puderam conhecer de perto os comunistas, o patriotismo e a coragem moral de seus dirigentes, os objetivos e os métodos de luta do partido da classe operária, para o qual se voltam com a compreensão cada vez mais exata de seus verdadeiros interesses. Dai o repúdio popular a todas essas fracassadas e desesperadas provocações contra os comunistas, que visam, de um lado, intimidar as massas populares, que sentem a necessidade de lutar energeticamente contra esse re-

### UMA CARTA INTIMA PARA MILHÕES DE HOMENS — DEPOIMENTO DO GRANDE POETA CHILENO

N. da R. — Incluíamos neste número a publicação da Carta de Pablo Neruda aos democratas americanos, denunciando a traição de Gonzalez Videla ao povo chileno, para entregar o seu país à exploração do imperialismo lanque. Em vista de ser muito longo este depoimento, publica-lo-emos parceladamente em diversos números.

Quero informar a todos os meus amigos do Continente sobre os desgraçados acontecimentos ocorridos no Chile. Compreendo que ganhar parte da opinião pública se sentirá desorientada e surpreendida pois os monopólios norte-americanos de notícias terão levado a cabo, certamente, (neste caso como em tantos outros) o mesmo plano que sempre puseram em prática em toda parte: falsar a verdade e torcer a realidade dos fatos.

Penho o dever indeclinável, nestes trágicos momentos, de esclarecer na medida do possível a situação do Chile, porque em muitas viagens por quase todos os países da América pude constatar o imenso carinho que os democratas de nossas nações pela minha pátria. Este carinho se devia fundamentalmente ao entranhado respeito pelos direitos do homem, enraizado em minha terra como tal vez em nenhuma outra terra americana. Pois bem, esta tradição democrática, patrimônio dos chilenos e orgulho de todo o Continente, está sendo hoje esmagada pela obra conjugada da pressão estrangeira e da traição política de um presidente eleito pelo povo.

#### A PRESSÃO ESTRANGEIRA

Exporéi brevemente os fatos. O atual campeão anti-comunista, Presidente da Nação chamou para o seu primeiro gabinete três ministros comunistas. Declarou ao Partido Comunista do Chile, para obrigá-lo a designar estes ministros, que se o partido comunista não aceitasse esta participação em seu governo ele renunciaria à Presidência da República.

Os comunistas no governo lutam verdadeiros cruzados para conseguir o cumprimento das promessas feitas ao povo chileno

vêrno de negociatas que as lança à fome e à miséria; por outro lado, tentando apresentar os comunistas como sabotadores e dirigidos por "chefes estrangeiros", o grupo fascista procura isolar a vanguarda do movimento patriótico e de libertação nacional dos grandes setores de nossa população.

Mas suas tentativas estão fadadas ao fracasso, porque, à medida que aumenta a fome e a opressão de nosso povo, mais os comunistas se destacam como os verdadeiros patriotas, os que lutam pela solução dos problemas do povo, os que sabem defender, sem vacilação nem temor, as liberdades populares.

Por isso é que, a cada prisão de um comunista, de líderes populares como Gregório Bezerra, Gervásio Azevedo, Cadorniga e José Maria Cavalcanti, o povo deve se organizar e lutar pela sua libertação imediata, resistindo ativamente contra o terrorismo desse governo de traição nacional.

A organização popular para a libertação desses democratas presos é uma forma prática de luta contra a traição de Dutra e seus comparsas aos interesses nacionais, contra a fome e a opressão.

Desenvolveram um dinamismo nunca visto antes na política do Chile. Encararam de frente inúmeros problemas, solucionando muitos deles. Viajaram por toda as regiões do país, e tomaram contato direto com as massas. Após algumas semanas, apenas no governo, em atos públicos de extraordinária magnitude, deram conta ao país do desenvolvimento de suas atividades, fazendo uma política aberta e popular. Combataram publicamente os projetos de alta do custo da vida, projetos preparados por negociantes enriquecidos no governo.

Toda esta política de tipo novo, ativa e popular, desagradou profundamente à velha oligarquia feudal do hile que conseguiu influenciar e foi cercando pouco a pouco o presidente da República. Por outro lado, os agentes do imperialismo norte-americano, de companhias tão poderosas, ou melhor dito, todo-poderosas no Chile, como a Guggenheim, a Chile Exploration Corp., a Anaconda Copper, a Anglo Chilean Nitrate, a Braden Copper Co., a Bethlehem Steel, etc., não perdiam tempo. Os agentes destas organizações leucoculares que possuem todos os depósitos minerais do Chile, manobravam, cercando o presidente recém-eleito. Este foi mudando de atitude em relação aos seus ministros comunistas, criando-lhes obstáculos, enfrentando-os com outros partidos em reiteradas tentativas de maquiavelismo provinciano. Os ministros comunistas aceitavam este combate subterrâneo na esperança de que o seu próprio sacrifício pessoal pudesse obter a solução dos problemas mais importantes do país. Mas tudo foi inútil.

Com um subterfúgio qualquer e em meio de alarques e cartas de agradecimento apaixonados aos seus colaboradores comunistas, o presidente afastou-os de seu gabinete. Foi este o primeiro passo de sua capitulação. A verdadeira razão da saída dos comunistas aos quais hoje calunia, e perse-

#### NA ITALIA

### VITÓRIA DA FRENTE POPULAR

A Frente Popular da Itália, que congrega os partidos Comunista, Socialista majoritários e outros menores, acaba de pôr à prova sua força numa eleição complementar realizada em Pescara. A Frente Popular derrotou por larga margem o antigo partido majoritário do sr. De Gasperi, o Demócrata Cristão. Enquanto a Frente Popular conquistava 48,57 % do total de votos, os democratas cristão de De Gasperi obtinham apenas 20 %, embora reforçados com outras organizações reacionárias.

O fato serve para mostrar que o povo italiano já compreendeu e repudiou a política de De Gasperi de inteira capitulação aos imperialistas dos Estados Unidos, prontificando-se a apoiar os candidatos da Frente Popular nas eleições de abril próximo.

Leia "PROBLEMAS" A última de nos alcanças

que politicamente, deu-a para o exterior, de forma tão categórica que não se precisa mais explicações para julgá-lo.

Com efeito, o sr. Gonzalez Videla concedeu no dia 18 de junho de 1947 uma entrevista ao correspondente do jornal "News Chronicle" de Londres.

Deu a tradução literal do telegrama do correspondente: "O presidente Gonzalez Videla acredita que a guerra entre a Rússia e os EE.UU. começará antes de três meses e que as presentes condições políticas internas e externas do Chile se baseiam sobre essa teoria.

"O presidente fez esta declaração durante uma entrevista exclusiva com o correspondente do "News Chronicle" e indicou que sua próxima visita ao Brasil não americana e argentina, mas que sua visita estará circunscrita a assuntos chilenos-brasileiros



Estas duas declarações são contraditórias porque é lógico presumir que a atitude que venham a tomar os dois mais importantes países sul-americanos e o Chile no caso de uma guerra, teria que ser discutida quando os dois presidentes se reunissem.

"O presidente explicou que a iminência da guerra explica sua presente atitude em relação aos comunistas chilenos, contra os quais não tem objeções específicas. Assegurou: "O Chile deve cooperar com o seu poderoso vizinho, os EE. UU., e quando a guerra começar, o Chile apoiará os EE. UU. contra a Rússia".

Pouco antes de se produzirem os atuais acontecimentos, vieram dos EE. UU. vários mensageiros, especialmente adestrados pelo Departamento de Estado, para ouvir os ouvidos do frívolo presidente do Chile, tóricas mensagens apresentando um dilema: ou entrega incondicional ou desastre econômico. Tiveram um papel decisivo nessas negociações o sr. Felix Nieldo do Rio, embaixador do Chile em Wa-

shington, antigo nazista e diplomata acomodaticio, e o general Barrios Tirado, comensal extraordinariamente festejado da alta camarilla militar que defende os interesses monopolistas lanques. Ao lado destes mensageiros de mau agouro desembarcaram no Chile, durante um período de vários meses e em viagens semi-secretas, grandes capitalistas da indústria e das finanças norte-americanas e, notadamente entre estes, o ex-ministro do cobre, Mr. Etanmark, acompanhado de seus ídolos em terror financeiro, Mr. Higgins e Mr. Hobins.

Esse magnatas e seus lacaios nativos obtiveram do sr. Gonzalez Videla a entrega dos seus país aos desígnios da dominação norte-americana, sobre a base de uma imediata perseguição aos comunistas e da marcha para trás de todo o processo sindical chileno obtido através de uma das maiores heróicas e duras lutas da classe operária do Continente.

#### PANORAMA INTERNACIONAL

### A URSS DESMASCARA Os Falsificadores Da História

Os documentos que o governo soviético acaba divulgar, restabelecendo a verdade sobre os acontecimentos internacionais mais importantes que antecederam a guerra, colocam nos seus devidos termos as responsabilidades pelo próprio surgimento da Alemanha nazista como potência agressora e pelo estímulo à guerra.

A falta de documentação publicada em notas consecutivas pelo Ministério do Exterior da URSS desmascara definitivamente os fatores da guerra e as infames provocações do Departamento de Estado de Washington sobre a posição da URSS em frente à Alemanha nazista.

A memória dos povos não é tão fraca que esqueça as traições à paz que representaram todos os acordos concluídos entre as democracias capitalistas e os Estados fascistas, acordos que culminaram com o pacto de Munich, entregando a Tchecoslováquia à Alemanha hitlerista, mediante o compromisso de levar a guerra ao leste, isto é, contra a URSS.

Ninguém esqueceu tão pouco a firme posição da Rússia na Liga das Nações, denunciando os focos de guerra provocados pelos imperialistas ingleses, americanos e franceses estimulavam as forças agressoras. Foi a União Soviética a única potência a ajudar militarmente o governo legítimo da República Espanhola, miseravelmente traído pelos muniquistas e socialistas da direita com a sua não intervenção.

Estes fatos continuam vivos na memória dos povos. Mas o que poucos conhecem — e que os documentos soviéticos esclarecem agora com detalhes — é o montante da ajuda efetiva, principalmente econômica, que os Estados Unidos deram à Alemanha nazista, ajuda que contribuiu fundamentalmente para levantar o poderio militar alemão. Os capitais americanos investidos na Alemanha nazista, segundo a nota oficial soviética, representaram, no mínimo, 70% do total dos empréstimos a longo prazo feitos pelas democracias capitalistas a Hitler. Acrescenta a nota: "E' bem conhecido o papel desempenhado pelos monopólios americanos, tendo a frente as famílias Dupont de Nemours, Morgan,

Rockefeller, Lamont e outros magnatas industriais dos Estados Unidos) no rearmamento da Alemanha depois da guerra imperialista de 1914 a 1918.

Os documentos desmascaram fatos como as estreitas ligações de monopólios industriais nazistas, como a I. G. Farben Industrial, com as empresas americanas, entre estas a Standard Oil e a General Motors. Precisamente depois do Pacto de Munich, a Standard, e a Farben, concluíram acordos para distribuição de mercadorias de gasolina americana e do petróleo sintético alemão. O Banco Schroeder é outro exemplo na interpenetração dos capitais americano, inglês e alemão na luta pela partilha do mundo e a exploração dos povos.

O documento soviético salienta como o Banco Dillon Read e Comp., de que foi diretor, o atual Ministro da Guerra dos Estados Unidos, Forastal, desempenhou um papel importante no financiamento do truste alemão de "Werkeinit Stalwreke", assim como o Banco Anglo-germano-americano Schroeder.

"Foi essa chuva de ouro — diz o documento soviético — que fecundou a indústria baseada da Alemanha hitlerista e, particularmente, sua indústria bélica".

O quarto dos documentos da série soviética finalmente a existência na prática de um imo acordo entre a Inglaterra e a Alemanha nazista para a partilha do mundo, visando inicialmente a Europa.

Os documentos soviéticos contra os "Falsificadores da História" restabelecem a verdade histórica. Demascaram as falsidades da propaganda americana, que na prática tenta justificar o caminho de Hitler, seguindo-o.



# A REFORMA AGRÁRIA NAS DEMOCRACIAS POPULARES

**N**ÃO é difícil se caracterizar a identidade de princípios e critérios adotados nas reformas agrárias que se verificam nos países da Europa Oriental logo após a sua libertação, não obstante as diferenças correspondentes às diversas e específicas condições econômico-agrárias de cada um deles.

Tanto na Iugoslávia, como na Hungria, na România, como na Polónia, na Albânia, como na Tcheco-Slováquia ou na Bulgária, a reforma agrária tinha dois objetivos fundamentais: abater a reação agrária, assegurar a posse da terra às massas de trabalhadores agrícolas e pequenos proprietários cultivadores, como base para a consolidação e desenvolvimento da ordem democrática e popular, e como premissa para o progresso econômico e social da agricultura.

Em alguns desses mesmos países, no outro após-guerra, uma "reforma agrária" foi realizada, com objetivos, métodos e organismos bem diversos. Tratava-se, então, de fazer pequenas concessões às massas camponesas, às quais o exemplo da Revolução de Outubro, na Rússia, encorajava a invadir as terras dos latifundiários e reclamar condições de vida mais humanas.

Foi uma "reforma" feita pelas próprias camadas possuidoras, do tipo da que desejava — no programa, ao menos — fazer De Gasperi, aqui entre nós.

O resultado foi que as pequenas explorações agrícolas surgidas desta iniciativa do alto, abandonadas a si mesmas, desprovidas de capitais e instrumentos, privadas de assistência técnica e financeira, viveram sempre à sombra e na órbita das grandes propriedades, que a "reforma" tinha mantido quase intactas.

Naquelas condições, não houve nenhum progresso produtivo apreciável, e nenhum melhoramento substancial no nível de vida das massas camponesas.

Bem outra e a reforma agrária realizada nestes países em 1941 e 1945. Foram confiscadas por toda a parte, sem indenização alguma, as propriedades dos colaboradores, dos criminosos de guerra. Foram eliminadas todas as outras grandes propriedades, com a expropriação das superfícies excedentes a um determinado limite. Essas terras foram entregues aos trabalhadores agrícolas e pequenos proprietários, juntamente com o gado e as ferramentas.

O preço de expropriação foi fixado, não à base do teórico preço de mercado de um período "normal, mas de acordo com um critério realista, desconhecido da economia burguesa, de avaliação de uma grande propriedade numa sociedade em que é abolida a grande propriedade.

Aos novos pequenos proprietários foi lhes facultado o pagamento a longo prazo (10 a 20 anos), em pequenas parcelas. A aplicação das medidas concernentes à reforma agrária passou à alçada, não já da burocracia estatal, mas dos próprios camponeses, através dos comitês populares locais.

Este foi, em linhas gerais, o mecanismo da reforma agrária que varreu os grandes latifundiários e assegurou a propriedade da terra e dos instrumentos agrícolas às massas de camponeses sem terra de dos pequenos proprietários cultivadores.

Os novos pequenos proprietários, que entraram na posse das terras sem aqueles ônus que esmagaram, de início, os beneficiários das "reformas" no outro após-guerra, privados de capitais e ferramentas de que aqueles foram privados, libertos da sujeição aos grandes proprietários que a outra "reforma" tinha deixado de pé, não são mais abandonados à própria sorte como o foram pelos governos de antigamente.

Uma complexa série de iniciativas prevê concretamente a proteção e o desenvolvimento destas pequenas propriedades. Desde a instituição de escolas técnicas e institutos experimentais, aos centros de descascadura mecânica e produção de sementes selecionadas; da criação de cooperativas em todos os ramos da produção e do comércio, à concessão do crédito agrícola, e Estado Democrático e popular interveio por todos os meios, assistindo e promovendo o melhoramento técnico e econômico das pequenas propriedades.

Milhões de famílias camponesas iugoslavas e polacas, albanesas e romenas, húngaras, bulgaras e tchecoslovacas, livres para sempre das cadeias que as prendiam à servidão e à miséria, marcham hoje pelo caminho luminoso do progresso.

Já é tempo, por isso, que alguns de nossos "técnicos", que olham com ceticismo estas reformas, confundindo-as com as que a reação agrária, há cerca de 30 anos ou mais, realizou naqueles países e com a que De Gasperi — ao menos nos programas editados por Gorrilla — pretendia realizar entre nós, vejam de que grandes resultados é capaz a reforma agrária, quando é realizada com objetivos, métodos e organismos verdadeiramente democráticos e progressistas.

*N. de R. — A leitura cuidadosa deste artigo é importante no momento atual, quando o governo de Dutra encaminha, discorregicamente, uma "reforma agrária" ao seu modo. Isto é, de acordo com os interesses dos latifundiários ou dos grandes proprietários, e não do povo. A comparação da experiência da reforma agrária que realizaram as democracias populares da Europa Oriental, com a falsa "reforma" que se realizou em*

*alguns desses países após a primeira guerra mundial, mostra a impossibilidade de realização de uma verdadeira reforma agrária por um governo dos latifundiários e agentes do imperialismo, cujo objetivo é, nada mais nada menos, que um que apóie, juntamente, o seu governo. A comparação da experiência da reforma agrária que realizaram as democracias populares da Europa Oriental, com a falsa "reforma" que se realizou em*



Heróis do Exército da União Soviética: Marechal Ivan Konev, Marechal Kostantin Rokossovski, marechal Georgi Zhukov e Marechal Aleksandre Vasiliievki.

1848 - 1948

## Ensinamentos Da Revolução De 1848

por EFIMOV e FREIBERG

**A** revolução de 1848, na França, demonstrou, na prática, quais são as classes que compõem a sociedade burguesa. Demonstrou que a burguesia liberal teme em vezes mais a independência do proletariado do que qualquer espécie de reação (Lenin); que a burguesia liberal cede sempre à reação, que a pequena burguesia e o campesinato vacilam entre o proletariado e a burguesia e, naqueles casos em que o proletariado não pode arrebatar à burguesia a hegemonia sobre o campesinato, este se converte em uma reserva da

**A** 24 de fevereiro de 1848, as ruas de Paris amanheciam cobertas de barricadas, erguidas pelos trabalhadores, com o apoio da pequena burguesia, contra o governo de Luiz Felipe — o "governo dos banqueiros" — que levava as massas populares de França a uma situação catastrófica de fome e de miséria. A própria burguesia industrial e comercial francesa, sofrendo as consequências da crise de 1847, estava desgostosa com o governo e, por isso, assumiu um papel passivo no início do movimento revolucionário — que foi, afinal, vitorioso, mas depois traído nos seus objetivos por essa mesma burguesia, que procurou disputar ao proletariado a liderança da revolução.

A revolução de 48, na França, foi uma revolução democrático-burguesa, da qual o proletariado constituiu o principal motor. Está cheia de ensinamentos para os trabalhadores de todo o mundo — e por isso foi estudada profundamente por Marx, Engels e Lenin, que assim tiraram dessa experiência revolucionária conclusões inestimáveis para a tática e estratégia do proletariado, nos movimentos revolucionários que se seguiram.

napartismo (3) e as condições em que surge.

A revolução de 1848, revelou que uma revolução armada não é um brinquedo para nos divertir, mas uma arte que requer precaução e aptidão para escolher o momento oportuno e uma inflexível determinação para conduzir até seu fim a própria revolução.

«Se a «Montanha» (4) — escreveu Marx sobre a revolução da pequena burguesia de 13 de junho de 1848 — desejava triunfar no Parlamento, não deveria ter recorrido às armas; se apelou para as armas, não deveria ter-se conduzido nas ruas de um modo parlamentar; se pensava seriamente em uma manifestação pacífica, foi uma estupidez não prever que lhes seria feita uma recepção guerreira; se se tentou uma verdadeira guerra, foi um absurdo depor as armas com que se faz a guerra».

### Uma Vitória Do Povo:

## Registro do P.C. Argentino

O Tribunal Eleitoral da província argentina de La Plata acaba de reconhecer o direito do Partido Comunista da Argentina disputar legalmente as eleições na referida província.

A legislação argentina permite que as províncias varíem de critério quanto à concessão do registro eleitoral. No ano passado, o PC argentino não havia conseguido registro na província da Capital. Recentemente, o juiz federal de Buenos Aires nega ainda esse registro. O Tribunal Eleitoral reformou a sentença daquele juiz, reconhecendo que o Partido Comunista, como qualquer dos partidos das classes dominantes, possa também disputar o pleito próximo.

O PC da Argentina, pela decisão referida, pode apresentar candidatos em todas as províncias.

Entre os candidatos dos trabalhadores argentinos nas próximas eleições estão os dirigentes comunistas Arnedo Alvarez, Secretário Geral do PC, Rodolfo Ghioldi e Juan Jose Real, dirigentes nacionais.

Em comemoração ao centenário da Revolução de Fevereiro, publicamos interessante trecho do livro de Efimov e Freiberg — "História da Época do Capitalismo Industrial" — sobre os ensinamentos desse importante movimento do proletariado francês. — (A REDAÇÃO).

burguesa na luta contra o proletariado, e, por último, que a única classe social consequentemente revolucionária é o proletariado socialista.

A revolução de 1848 pôs em relevo que o proletariado não pode derrotar a burguesia se não atrai para seu lado os pobres do campo e da cidade, se não dirige a luta destes despossuídos setores da população contra o jugo da exploração capitalista, se não se alia francamente a eles e os dirige na luta contra o domínio da burguesia. A revolução de 48 demonstrou que, sem a hegemonia do proletariado, sua vitória é impossível.

A revolução de 1848 revelou toda a falsidade, toda a inutilidade do socialismo transigente que não leva em conta as classes sociais. O massacre de operários em Paris, nas jornadas de junho, pela burguesia, a cu-

jo lado estavam também os pequeno-burgueses do campo e da cidade, demonstrou de forma definitiva que somente o proletariado é de natureza socialista.

Esta mancha demonstrou ao mundo inteiro que, somente o proletariado é socialista e só pode haver uma classe de socialismo, que é o socialismo proletário. Com este último acontecimento foi desferido um golpe de morte em todas as ruidosas e coloridas formas de socialismo pré-marxista e se estabeleceu uma base sólida para o triunfo de Marxismo no movimento operário (Lenin).

A revolução de 1848 demonstrou que os verdugos da classe operária, os Cavaignacs (1), botam no solo do socialismo contemporâneo do Luiz Blanquismo (2) e da pequena-burguesia vacilante. Pôs também em evidência a essência do Bon-

1 — CAVAIGNAC — General francês, reacionário, que afogou em sangue o movimento revolucionário, sustentado pelos trabalhadores, durante as chamadas "jornadas de junho".

2 — LUIS BLANQUI — um dos chefes revolucionários da revolução de fevereiro. Fez parte do governo provisório, dentro do qual, a sua vacilação pequeno-burguesa permitiu que a burguesia fosse, a pouco e pouco, ganhando terreno.

3 — BONAPARTISMO — a mistica que se procurou criar no espírito do povo francês sobre Napoleão Bonaparte e que foi habilmente aproveitada pela burguesia para levar a perder Luiz Bonaparte — que foi eleito Presidente da República, graças, sobretudo, aos votos de grande parte do campesinato, que nele via um continuador de Napoleão, seu tio. Luiz Bonaparte deu um golpe de Estado, em 1852, proclamando a monarquia na França.





# 30.º ANIVERSARIO DO GLORIOSO EXERCITO DA UNIÃO SOVIÉTICA

A corrente passa o 30.º aniversário do Exército Vermelho — sua antiga denominação — foi assinado por Lenin a 15 (28 pelo antigo calendário russo) de janeiro de 1918. Mas foi a 23 de fevereiro que marcou a primeira grande vitória do novo exército dos povos livres da URSS sobre os conquistadores alemães. Desde então, a data recorda que esse exército da liberdade venceu nos combates contra o invasor estrangeiro. Hoje, nos dias passados, o Exército Soviético detém as maiores vitórias já conquistadas por qualquer exército na história da humanidade, vitórias que culminaram com a tomada de Berlim, a 2 de maio de 1945. O artigo abaixo é de autoria de um técnico soviético, analisando os fatores que asseguraram a vitória do povo Soviético e de seu Exército. (Tradução).

O primeiro fator da vitória do povo e do Exército Soviético, é a solidez da retaguarda soviética. A garantia desta solidez consistia e continua consistindo na amizade dos povos da União Soviética, na ausência de toda discriminação racial, na igualdade de todas as nacionalidades que habitam o país, no fato de que, no seio do povo soviético, não existem classes antagonicas que lutem entre si. Na Grande Guerra Patriótica, o povo soviético atuou como um bloco monolítico, como muralha compacta diante de tormentas ondas, e esta solidez irremovível da retaguarda soviética constituiu o apoio mais importante para as forças armadas do país o fato mais importante que tornou possível a execução dos mais audaciosos planos operativos. A solidez da retaguarda do país dos soviets e a unidade de seus povos aguraram, tambem, a elevada moral de suas forças armadas porque, como se sabe, a retaguarda é a fonte fornecedora de novos contingentes, viveres, equipamentos, munições e armamentos, assim como do moral. E o moral que precedeu a retaguarda soviética sempre foi estimulante, sempre lutava a uma luta sem quartel contra os invasores nazistas, a unidade do povo soviético assegurou, igualmente, o rendimento do trabalho em todos os setores da industria e da agricultura, e graças a isto as forças armadas não careciam de nada.

O heroísmo do povo condicionou, do mesmo modo, o espirito de suas forças armadas. Proezas sem precedentes passaram a ser fenômenos de massas nas fileiras do Exército Soviético. Os heróicos aviadores que enfrentavam os estrepidos dos aviões alemães; os heróicos infantistas que, com o seu corpo, obstruíam as frentes das forças inimigas; os heróicos artilheiros que colocavam os seus canhões em posição descoberta para atirar, com a alça a zero, sobre as fortificações do inimigo, as tropas que, até o último dia, rechacavam os ataques das forças blindadas alemãs — foram a glória imortal do Exército Soviético.

A sagaz clarividência política staliniana de industrialização dos soviets assegurou às suas forças armadas

o suficiente armamento de primeira classe. Esforçaram-se lealmente certos círculos no estrangeiro para reduzir conscientemente a importância deste fato, para mistificar a realidade apresentando as coisas como se os triunfos do Exército Soviético fossem devidos, principalmente, ao armamento fornecido pelos aliados. O povo soviético agradece aos aliados a ajuda que deles recebeu; os "tanks" — que não chegaram a somar dez mil — aproximadamente o mesmo número de aviões e os quinze mil canhões que a URSS recebeu de seus aliados durante toda a guerra não puderam desempenhar um papel decisivo. Este papel coube ao trabalho heróico do povo soviético, que forneceu a seu exército tudo quanto este necessitava. Vejamos os algoritmos. Durante os três últimos anos de guerra, a industria soviética produziu em média, anualmente, mais de trinta mil "tanks" e canhões sobre "lagartas", cerca de quarenta mil aviões, aproximadamente cento e vinte mil canhões de todos os calibres, cem mil morteiros, quatrocentos e cinquenta mil metralhadoras, dois milhões de fuzis automáticos, três milhões de fuzis. Só em 1944, a industria soviética produziu mais de duzentos e quarenta milhões de projéteis, bombas e minas, sete mil e quatrocentos milhões de cartuchos.

Desse modo, os planos estratégicos e operatórios stalinianos tinham uma base sólida, assentada em premissas morais e materiais efetivas; a unidade do povo soviético e o heroísmo das forças armadas munidas de magnífico e moderno armamento nacional em quantidade suficiente. Na base destes fatores essenciais, pôde desenvolver-se integralmente a brilhante maestria operatória dos comandos do Exército Soviético, representantes da escola soviética da arte militar.

A nunca vista manobra defensiva de 1941, ao longo de uma frente de três mil quilômetros, na qual se consentiu perder uma parte do terreno para ganhar tempo, sucedeu — inesperadamente para o inimigo — a contra-ofensiva diante de Moscou, seguida da completa derrota do grupo de exercitos alemães do centro, que se viu obrigado a recuar quatrocentos quilômetros em alguns pontos. Nos preparativos da contra-ofensiva de Moscou assombram o método, a serenidade e a firmeza com que Stalin acumulava forças nos flancos das tenazes alemãs que envolviam Moscou pelo norte e pelo sul; provoca admiração a energia com que as tropas soviéticas foram lançadas ao combate no momento mais oportuno. Esta operação, por si só, bastaria para perpetuar o nome de um chefe na história das guerras. Mas a batalha de Moscou foi seguida de outras operações mais perfeitas ainda: a inigualável defesa de Stalingrado em 1942 contra tropas hitleristas selecionadas; a mobilização — tambem serena, firme, segura e inflexível — de reservas nos flancos do grupo alemão de choque; a ruptura simultânea da frente inimiga em dois setores distantes entre si, a marcha impetuosa dos corpos de "tanks", de infantaria e de cavalaria. No quarto dia da grandiosa operação, as forças soviéticas fecharam o cerco em torno das tropas alemãs colhidas de surpresa, para impedir que pudessem escapar um só alemão que tivesse chegado ao Volga.

Entretanto, nem mesmo a brilhante operação de Stalingrado — operação que assinalou uma virada na marcha da guerra — marcou um limite aos êxitos operativos da escola russa. A operação defensiva de Orel-Kursk de 1943,

logo convertida em poderosa contra-ofensiva; a heroica travessia do caudaloso Dnieper; os dez fortes ataques desfechos contra o exército alemão fascista em 1944 (entre estes ataques, somente a operação realizada no setor Vitebsk-Bobruisk-Minsk pôs fora de combate todo o grupo de exercitos alemães do centro, que, depois de cercado, foi inteiramente aniquilado); a travessia dos Cárpatos; a travessia do Danúbio; o assalto a Budapeste, Königsberg e Breslau; a grandiosa operação de cerco de Berlim. Tal é a relação incompleta das brilhantíssimas operações realizadas pelo Exército Soviético sob a direção de Stálin.

Mais de trezentas e cinquenta operações ofensivas — já a cargo de exercitos ou frentes inteiras — teve o Exército Soviético de realizar para libertar do jugo fascista tanto a sua própria pátria como vários países europeus e para liquidar a fera fascista em seu covil. Cabe assinalar que cada uma destas operações constituiu uma valiosa contribuição ao tesouro da ciência militar. O êxito de cada operação se baseava no fato de ter em conta a correlação real das forças; de ser animada por uma idéia audaz, alheia a todo espírito de aventurismo; de ser executada com absoluta firmeza, apesar de todos os obstáculos criados pelo inimigo. Nestes combates sem precedentes, foi forjada a alta maestria militar das forças armadas soviéticas, que tiveram de suportar o peso principal da luta contra a máquina de guerra germano-fascista.

O povo soviético e suas forças armadas devem suas vitórias — vitórias de ressonância histórica — ao gênio estratégico de Stálin, à sua "ciência de vencer".



## A Classe Operaria e o Patriotismo

Há um o que os comunistas são acusados como inimigos da pátria e seguidores do esquero. Antes da vitória da ação soviética, Lenin era tratado como o "agente da Alemanha". Depois de 1917, comunistas em todo o mundo acusados de "agentes do caos". De onde vem essa acusação? Precisamente dos destruidores de pátria imperialistas e sordidas vozes, os "patriotas" fanáticos que armaram Hitler o mundo e contra a América, ou venderam por e sacata de ferro ao Japão sabendo que Featbour poderia acontecer.

Para a maioria contra os comunistas, há um meio mais sordido e deturpado de fofoca de dirigentes do partido. Há um século, um tratado do "Manifesto Comunista", de Marx e Engels encontra-se em uma imunda campanha contra o proletariado nacional. E muitos que não tiveram a curiosidade de ler o tratado gravaram somente a frase isolada "O proletariado não tem pátria". E os comunistas foram colocados na posição de inimigos sistemáticos, servindo os próprios inimigos e os seus aliados. E os próprios autores do Manifesto

RUI FACÓ haviam colocado a questão nos seus justos termos ao afirmarem: "... sendo objetivo do proletariado a conquista do Poder político, sua elevação a classe nacional, é evidente que também nele reside um sentido nacional..."

Depois de 70 anos, o proletariado russo viria confirmar os autores do "Manifesto". E saberia ser digno de sua elevação a classe nacional. Que outra classe dominante, em qualquer época, soube defender com tanto ardor a sua Pátria como a classe operária da União Soviética? A guerra contra o fascismo provou na prática que os trabalhadores, quando têm o que defender, sabem fazê-lo com verdadeiro patriotismo, sacrificando a própria vida.

Desde que o "Manifesto" foi escrito, a humanidade evoluiu a passos largos. Marx e Engels afirmavam, em 1848, que o jugo do capital apagaria no proletariado "todo caráter nacional". Pôde-se perguntar agora: se o jugo do capital não cessou na maioria dos países, como se explica que a classe operária da França tenha sabido defender com tantos sacrifícios, inclusive com a vida de 70 mil comunistas, uma França onde ainda não conquistara o poder político? Realmente, inimigos do comunismo, como o exército cató-

Muito mais, porém, do que essa opressão, sofrem os trabalhadores a opressão do imperialismo americano. E embora sejam os trabalhadores as principais vítimas da exploração imperialista aliada ao regime latifundiário, a verdade é que toda a vida nacional sofre dessa exploração, que liquida a nossa industria e impede o nosso progresso. Entretanto, até agora as classes dominantes não mostraram o menor desejo de resistir ao imperialismo. O seu tão apregoado patriotismo tem se traduzido na prática, em vergonhosa capitulação e traição aos interesses nacionais.

Pôde então o nosso povo confiar a defesa da Pátria aos senhores das classes dominantes? A própria realidade atual, nestes dois anos de governo do sr. Dutra, nos dá a certeza de que isso seria um crime.

Cabe, portanto, ao proletariado dirigir a luta em defesa da própria soberania nacional, sob pena de vir a sucumbir sob uma opressão muito pior do que a dos representantes dos grandes fazendeiros — a opressão direta e sangrenta dos próprios colonizadores ianques.

Resta à reação mais um falso argumento: Então, por que os comunistas se voltam para a Rússia como se fosse ela a sua pátria? A última guerra é a melhor resposta a esta pergunta. A última guerra provou que a luta pela liberdade, pelo progresso,

pela cultura e pela independência é uma luta de todos os povos. Por que? Porque os inimigos da liberdade, do progresso, da cultura e da independência dos povos são um só: o imperialismo, cuja sede se encontra hoje nos Estados Unidos, como se encontrava ontem na Alemanha nazista. A quem visa se preferença o imperialismo em cada país? A classe operária. Assim, a luta da classe operária em todo o mundo é uma luta una e indivisível contra seu principal inimigo. E isto o que explica e justifica a solidariedade internacional do proletariado.

Durante a guerra, foi a classe operária da URSS a vanguarda dessa grande luta de libertação. No após guerra ela mantém esse posto.

Durante a guerra, a classe operária do nosso país esteve, desde a primeira hora, na frente da luta mundial contra o fascismo, pela liberdade e a democracia.

Onde se encontram então os senhores das classes dominantes em nosso país? Ao lado dos fascistas, prestando-lhes serviços e sendo por eles condecorados. Quem defendia a Pátria: os comunistas, a frente dos trabalhadores e do povo, ou os senhores das classes dominantes? A histórica decisão da luta provou que eram os comunistas os verdadeiros patriotas e os senhores das classes



# SOBRE O LIVRO DE PRESTES

ASTROJILDO PEREIRA

...A primeira vez que me avistei com Luiz Carlos Prestes — há justamente vinte anos: em fins de dezembro de 1927 — o que logo me impressionou foi a extraordinária acuidade com que ele versava os problemas brasileiros. Conversamos longamente naquela ocasião, e o tema dominante da conversa era o Brasil, a situação econômica e política do Brasil, as condições de vida do povo brasileiro, as perspectivas que se abriam no nosso desenvolvimento futuro. Prestes não se limitava a formular opiniões meramente expositivas ou especulativas, pois o que preocupava acima de tudo era buscar solução adequada para cada problema. Era o homem de ação, o líder, o estadista, que se revelava inteiro nos meus olhos.

Sua adesão ao marxismo, pouco tempo depois, resultou precisamente dessa preocupação dominante de quem não se contentava em estudar e conhecer as questões, mas procurava enfrentá-las e resolvê-las. Na ciência social criada pelo gênio de Marx encontrou ele o que lhe faltava para completar-se a si mesmo: o instrumento incomparável de pesquisa, o método objetivo de pensamento e de ação.

Sabe-se o que tem sido a vida de Prestes desde então: trabalho, atividade revolucionária, prisão, luta heroica e tenaz contra a reação, construção de um grande partido de massas, educação política do povo brasileiro, e simultaneamente estudo, estudo e estudo. Ao cabo de tantos anos de experiência teórica e prática com a qual enriqueceu, apurou e ampliou suas eminentes qualidades pessoais, Prestes é hoje o que é, sem possível contestação honesta: o líder da democracia brasileira, o homem que melhor e mais profundamente conhece os problemas brasileiros em seus múltiplos aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Militar, homem de ação, chefe de partido, organizador de massas, orador, publicista, economista, parlamentar, pensador político, sociólogo, teórico do marxismo — todas essas manifestações da sua poderosa personalidade de homem público revelam sempre, com invariável constância, o brasileiro permanentemente preocupado com as coisas brasileiras, o patriota vigilante que se consagrou em por cento ao serviço do Brasil. Seu livro "Problemas Atuais da Democracia" constitui, neste sentido, uma resposta esmagadora a todas as calúnias da reação e em primeiro lugar à miserável calúnia que pretende negar ou denegrir o patriotismo de Prestes. O livro compõe-se de cartas, comentários, teses, relatórios, discursos abrangendo doze anos de intensa atividade intelectual e política — inclusive os nove anos de cárcere — e todo ele é vinculado por uma unidade de pensamento que só o domínio da teoria marxista poderia explicar e de fato explica; mas, a par dessa coerência fundamental, suas quinzentas páginas atestam o enorme labor científico realizado por Prestes no estudo dos problemas brasileiros, na elaboração de uma linha política do Partido Comunista e na apresentação de medidas práticas e progressistas para resolver tais problemas. O conjunto dessas medidas — de aplicação prática e imediata, mas tendo sempre em vista o futuro, o progresso do país — o conjunto dessas medidas, propostas ao corpo dos diversos trabalhos que compõem o livro, forma um verdadeiro programa de governo, não de um governo qualquer em qualquer parte do mundo, porém, de um governo brasileiro para o povo brasileiro, um governo para o Brasil nas condições históricas presentes.

Os "Problemas Atuais da Democracia" — sem dúvida alguma o livro mais importante que se publicou entre nós durante o ano de 1947, do qual no entanto a crítica não se ocupou, nem a imprensa burguesa e reacionária tomou conhecimento, o que aliás não impediu que a sua primeira edição se esgotasse rapidamente, apesar do preço elevado — nos mostram um pensador, um escritor político de alta categoria intelectual, que a nossa história literária terá de classificar ao lado dos maiores que temos tido nesse gênero de literatura. Mas Prestes não é um pensador livreco ou puramente especulativo, longe disso: seu trabalho intelectual — como pensador, publicista, economista, sociólogo — é realizado em função da sua atividade de homem de ação, de dirigente político, de condutor de massas, numa palavra — de estadista. Estadista — aqui está a palavra que em si resume todo o conjunto de qualidades que fazem de Prestes um homem excepcional. Mas Prestes, é ao mesmo tempo um estadista e um bochevique, isto é, um político profundamente ligado ao seu povo, que por isso mesmo o compreende e o ama.

Não é meu propósito aqui, nem é possível num simples artigo, proceder à análise dos diversos capítulos que formam o livro de Prestes. Mas desejo insistir na caracterização da sua qualidade fundamental — a unidade de pensamento, pois não se trata, no caso, de coerência mais ou menos formal entre pensamento e ação. O que se observa, através destas páginas consagradas ao debate de tão amplos e difíceis problemas, é a unidade viva e dialética entre a teoria e a prática, entre o pensamento e a ação. Parece-me necessário acrescentar o que há de importante nesta observação, para que se possa melhor compreender a natureza objetiva da extraordinária influência exercida por Prestes entre as massas populares.

Nenhum líder brasileiro já realizou, neste país, em qualquer tempo, uma obra de educação política e organização das grandes massas que se compare, pela sua envergadura e importância histórica, ao movimento democrático desencadeado por Luiz Carlos Prestes. E isto significa, muito naturalmente, que o programa apresentado e defendido pelo líder comunista responde por modo cabal aos interesses e anseios mais sentidos do povo brasileiro. Ora, o segredo de semelhante consonância entre o povo e o programa comunista reside em que a elaboração deste programa é o resultado de uma análise científica rigorosa da situação nacional em conexão com a situação mundial. Mas esse resultado só pode ser obtido quando a análise é feita de maneira viva, baseada na avaliação dialética dos acontecimentos, ou seja, encarando-se estes acontecimentos como componentes de um processo em movimento. Tal o método marxista de análise da realidade histórica e social, que Prestes tem sabido aplicar com mão de mestre.

Notável, com efeito, tem sido a sua contribuição pessoal ao estudo, o que o coloca à altura dos grandes teóricos e líderes mundiais do marxismo. Seu livro é todo ele uma contribuição por assim dizer experimental desta verdade, por exemplo, o seu trabalho, escrito ainda no dia 21 de maio de 1941, exatamente um ano antes do início da guerra, e São Francisco, Creio não errar afirmando que esse trabalho marxista — em que são formuladas as teses da

revolução democrático-burguesa na situação brasileira criada pela segunda guerra mundial — representa, entre nós, um papel idêntico ao que representaram na Rússia de 1917 as célebres Teses de Abril, elaboradas por Lênin ao chegar a Petrogrado, em abril daquele ano. A linha política sustentada por Prestes, posteriormente, na sua qualidade de chefe de partido, encontra-se ali definida, no essencial, com uma clareza e uma firmeza só possíveis de atingir por aqueles que possuem alta capacitação teórica. Eu confesso, por mim, que foi na sua meditação que vim a realmente compreender o caráter da revolução brasileira. Muita e muita coisa li antes sobre a natureza e as tarefas da revolução democrático-burguesa em condições e países do tipo do Brasil; mas só o trabalho de Prestes me permitiu compreender a questão em seu conteúdo teórico e em suas consequências de ordem prática.

Outro exemplo, que convém citar, é o que se encontra no grande discurso dedicado ao problema da terra, que Prestes pronunciou na Constituinte. Quero referir-me ao ponto relativo à luta contra o monopólio da terra, que em nosso país, por suas condições de dependência semi-colonial, se acha intimamente ligada à luta contra o imperialismo. Não se pode combater um, eficazmente, sem do mesmo passo combater o outro. Não é possível, no Brasil, liquidar o monopólio da terra deixando-se em paz o imperialismo; e vice-versa. Falando em termos de legislador, na Constituinte, Prestes apresentou emendas ao projeto de Constituição no sentido de se resolver legalmente, constitucionalmente, os dois problemas, que são, disse ele, ao cabo de um exame aprofundado de ambos e das relações que ligam um ao outro, "os problemas fundamentais de nossa economia — a liquidação do latifúndio, pela Reforma Agrária, e a emancipação econômica de nosso povo do capital imperialista, pela nacionalização, passagem ao poder do Estado, dos Bancos e grandes empresas exploradoras imperialistas".

Ensina Marx que a teoria só pode ser realizada por um povo na medida em que ela se converte em realização das necessidades desse povo. Eis, a meu ver, onde se encontra a explicação do vigor teórico e prático do pensamento político de Prestes. Ele é um autêntico marxista, o que se chama um marxista erudito, que assimilou a teoria utilizando-a como instrumento e método de aplicação cotidiana no estudo e na solução dos problemas práticos. Quer dizer; o contrário, o oposto do "marxista" livreco e dogmático, do falso marxista. Eis ainda porque o pensamento político do marxista Prestes tem as suas raízes mergulhadas nas entranhas do Brasil: para ele, a teoria marxista não só aponta as soluções, mas se resolve e se funde nas próprias soluções apontadas, realizando de tal sorte as necessidades do povo. E eis finalmente porque marxismo e patriotismo se identificam, na linguagem de Prestes, como a expressão ativa, militante, e não apenas contemplativa, do mais profundo amor à sua terra e à sua gente.

ASTROJILDO PEREIRA

## O Povo Deve Reconquistar a Praça...

(Conclusão da 1.ª pag.)

O povo, porém, é que não podia manter-se indiferente em face de semelhante situação. Mas, que fazer? A solução surgiu inesperadamente.

Um operário que lia o Manifesto de Prestes, talvez à luz de uma vela ou de um lâmpaço, teve de subto, como que inspirado por uma força inteiramente nova, a idéia nítida do que fazer. Sim, uma força inteiramente nova o impulsionava. Vinha das palavras de Prestes, do seu Manifesto, da simplicidade e da clareza com que os problemas do povo são ali debatidos. Vinha da firmeza com que é apresentada a saída para esses problemas.

O operário entreviu, na miséria de seu lar, como poderia ser resolvido o problema da falta de luz em Cabo Frio. Não se tratava de nenhuma fórmula mágica ou heroica. Estava escrito no Manifesto de Prestes com as palavras mais simples de nossa língua.

"Lutar contra esse governo de fome e terror policial, anti-democrático e de traição nacional, a nos dias de hoje o dever sagrado de todo o patriota e particularmente dos trabalhadores, que não podem assistir em silêncio e de braços cruzados à degradação, à miséria e à fome de suas famílias, é o dever da mulher brasileira que quer a paz e não a guerra imperialista em que serão sacrificados seus filhos".

O operário desceu mais a vista sobre o texto do Manifesto e encontrou estas palavras: "Reconquistai a praça pública para levantar o nosso protesto contra a ditadura!".

Não podia ter mais dúvida. Levantou-se e foi de casa em casa, bater à porta daqueles pescadores e salteiros que, como ele, sofriam na própria carne os insultos, as perseguições, a exploração dos homens das classes dominantes, as consequências dos baixos salários, a fome e a miséria.

Cabo Frio estava às escurelas e o cérebro dos trabalhadores

estava iluminado. A luz vinha do Manifesto de Prestes que, de um momento para outro, circulava de mão em mão, levado pelo operário que o lera à chama de uma vela.

A agitação foi enorme. Nos lares, operários, daquela hora as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos. Muitas interromperam os seus trabalhos, tomaram dos braços dos seus companheiros os filhos que cabecavam de sono, para que os homens pudessem ir para a praça pública.

Sim, porque o Manifesto de Prestes afirmava: "Reconquistai a praça pública!"

E foi na rua que o povo de Cabo Frio protestou contra a falta de luz e a ganância da empresa.

Mas não foi sem direção que se levou a cabo esta luta. A sua frente, à cabeça do povo combativo de Cabo Frio, colocaram-se os comunistas.

Este é também um ensinamento de Prestes, neste vigoroso e impressionante Manifesto, que proclama com energia:

"Mas do que nunca, sejam quais forem as circunstâncias, procuremos junto com o povo organizado, lutando pelas suas reivindicações mais sentidas e imediatas".

Foram os vereadores comunistas de Cabo Frio que se puseram à frente da massa. Lutando com o ombro a ombro, orientando-a, dirigindo-a, mostrando-lhe que o caminho é o da luta organizada.

O exemplo de Cabo Frio é dos mais ricos em ensinamentos para o nosso povo, dos mais indicados para compreendermos que a força da massa organizada tudo supera e é invencível.

Nem canhões nem metralhadoras, nem toda a reação de um governo vendido aos imperialistas norte-americanos como é o governo de Dutra, nem as arbitrariedades de um governador capitalista como Macedo Soares que se churrá ao altitor, nem a luta dos senhores das classes dominantes com a sua polícia de bandiças, nada disso

(Conclusão da 1.ª pag.)  
ras, é a luta pelo progresso nacional e em defesa da independência da Pátria.

Mas de todas essas reivindicações, a fundamental é o aumento geral dos salários.

Neste instante, não temos dúvida em afirmar que essa reivindicação é a mais sentida pelo proletariado e por vastas camadas da pequena burguesia. Grandes movimentos estão surgindo e vão nascer por novos níveis de salários, que correspondam ao atual custo de vida. Ante o agravamento da situação econômica, com a política de fome do governo, com a atitude criminosa dos patrões nacionais e dos banqueiros imperialistas que desarrancam sua sede de lucros sobre os ombros dos trabalhadores e do povo, a luta pelo aumento de salários é a única e justa saída.

Terá porventura procedência a tese dos grandes tubarões — de seus escribas de que o aumento de salários trará o aumento dos preços? Para o governo e para os aliciados que não querem diminuir seus lucros nem acabar com a inflação, a cada aumento de salários deve corresponder uma alta de preços. Adotam esse ponto de vista porque não querem trocar nos seus lucros fabulosos, porque desejam manter as massas no estado de subnutrição crônica, de fome, de morte lenta. Mas o proletariado e as grandes massas querem o aumento de salários e ordenados à custa dos lucros e dos grandes rendimentos dos exploradores.

A luta pelo aumento de salários val inevitavelmente contrariar a orientação da ditadura a serviço dos imperialistas. O governo não resolve a inflação, abre as portas do país à invasão das mercadorias americanas e já cogi-

ta de desvalorizar o cruzeiro em benefício dos imperialistas e de seus agentes no Brasil.

Podemos defender a indústria nacional, deixando-nos matar de fome? Que defesa será essa, quando por outro lado não se impede a concorrência estrangeira, quando os próprios industriais fazem causa comum com os imperialistas e não lutam pela ampliação do mercado interno, pela divisão das terras e sua concessão aos camponeses?

Exatamente por isso é que a luta por aumento de salários é uma luta progressista. E evidente também que, sendo uma luta progressista, tem um cunho profundamente democrático, porque desmascara os propósitos da ditadura, põe a nú a política de fome dirigida contra as massas, revela claramente que o aparelho policial e burocrático está a serviço dos imperialistas e de seus aliados nacionais para reprimir os anseios de vida condigna e melhor das grandes massas. O povo compreenderá, em suma, que o anti-comunismo sistemático não passa da folha de parreira com que o governo Dutra procura encobrir a entrega do país à colonização do dólar.

As massas não se intimidarão diante do terror fascista e comprovarão na luta pelos seus direitos quanto é frágil e instável o poder da ditadura. Resta colocar-nos corajosamente à frente da luta por essas reivindicações, participando delas e dirigindo-as.

Na luta pelo aumento dos vencimentos dos funcionários civis e militares da União, dos jornalistas, dos trabalhadores, devemos ocupar um posto de vanguarda.

Além da necessidade do caráter organizado, a luta pelo aumento de salários, assim como pelas reivindicações mais sentidas das massas populares, através da utilização de todas as formas de lutas de massas, constitui o meio mais poderoso de organizar as próprias massas.

Mas se não se tiver em vista a organização e preparação da massa para a conquista efetiva da reivindicação, se essa luta não tiver em mira a formação de um vasto movimento organizado de todos os trabalhadores da empresa em uma associação profissional, se não se compreender que no processo é necessário ir educando a massa para formas de luta superiores e para reivindicações mais elevadas, de caráter político, ensinando-a na base de suas próprias experiências, ganhando para a causa da revolução democrática os elementos mais destacados, se não fizermos isso, é evidente que não estaremos compreendendo toda a importância política, nesta hora, da luta pelas reivindicações imediatas e sentidas das massas, como fator fundamental da unidade do povo, pela substituição da ditadura por um governo popular e progressista para nossa Pátria.

transmite em seu Manifesto afirmando:

"Operários e camponeses! Organizai-vos nos nossos locais de trabalho, nas usinas, nas fazendas e lutai pela liberdade, pelo progresso, pela independência do Brasil, lutando contra a carência da vida, contra a miséria e a fome, por maiores salários, recorrendo quando necessário à greve, que é um direito sagrado dos trabalhadores!"

Especialmente para nós, comunistas, da luta do povo de Cabo Frio restam duas grandes lições: uma é que devemos sempre em toda e qualquer oportunidade de estar à frente das lutas de massas e a outra que todas as formas de lutas de massas são boas, justas e necessárias quando se trata de defender os sagrados interesses do povo e da classe operária.



# O LEITOR escreve

## OS CIRCULOS DE LEITURA

"Congratulo-me com a direção desse heroico semanário dos trabalhadores, pela feliz sugestão: — formação de "círculos de estudos". É uma necessidade a leitura e discussão de artigos e outros trabalhos publicados na CLASSE OPERARIA, TRIBUNA POPULAR, PROBLEMAS, etc."

Isso escreve-nos Celso Rosa, residente em Cachambi, apreciando numa longa carta as nossas sugestões para a formação de círculos de leitura. Mostra ele a importância do estudo de materiais como os que são publicados em nosso jornal, em Problemas e outros rônãs da imprensa popular, assinalando a falta de perspectiva política em que se encontram muitos democratas e trabalhadores, em consequência da falta de estudo dos problemas nacionais e internacionais.

"Porém, acrescenta Celso Rosa, fazemos aqui uma observação, ou melhor, repetimos observação já feita quando se pretendeu criar em Andaraí, um Círculo de Estudo, isto é, de que o estudo nos leve ao afastamento dos problemas reais e de necessidade para o nosso povo. Precisamos tomar cuidado para não nos tornarmos simples teóricos, desligados das realidades que nos cercam. Os círculos são uma necessidade e a experiência já demonstrou que eles são eficientes, se bem conduzidos. Não é coisa nova.

É necessário, porém, que a par do estudo, organizemo-nos para a luta pelas

**LEIA**  
"PROBLEMAS"  
— x —  
A cultura ao seu alcance

## O GOVERNO QUER SILENCIO SOBRE OS SEUS CRIMES CONTRA O POVO

No mesmo dia em que os jornais divulgaram a portaria do Ministro da Justiça Adroaldo Costa suspendendo por seis meses a "Tribuna Popular", aparecia na imprensa uma nota da Diretoria do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios pleiteando novo aumento no preço do arroz.

Ninguém ignora as negociações do Ministro da Justiça no mercado do arroz, protegendo escandalosamente os interesses de uma firma do Rio Grande do Sul na qual é sócio um seu filho.

E uma vez que a Câmara de Cassadores silencia ante esses crimes contra os interesses do povo, cabe à imprensa livre e independente desmascarar os negociatas do Ministério do sr. Dutra. A "Tribuna Popular", fiel a seu programa de defender os interesses nacionais contra os inimigos do povo, era o único diário carioca com autoridade para pôr a descoberto as novas manobras astutas. Daí a portaria fascista do sr. Adroaldo Costa, baseada na "lei de segurança" nazista do Estado Novo, suspensa por seis meses o grande diário da Capital da República.

É claro que não é só o sr. Adroaldo o interessado nessa suspensão. Também o são os demais membros do governo

# O CONGRESSO DE CASSADORES NADA FEZ PELO POVO

Encerrou-se mais uma convocação extraordinária do Congresso, sem que fosse aprovada uma só lei de real benefício do povo. Todos os projetos que interessavam às massas, ficaram dormindo nas gavetas das comissões da Câmara e do Senado, não tendo qualquer andamento.

Entre esses projetos, está o que concede aumento aos militares, estabelecendo para os mesmos o salário-família — projeto esse da autoria do deputado comunista Maurício Grabois.

**A MENSAGEM DE DUTRA**  
Sentindo o desprestígio crescente de seu governo de fome e traição nacional, inclusive no seio das próprias classes armadas, que possuem, no Brasil, uma conhecida tradição de patriotismo, Dutra apressou-se em enviar ao Congresso uma mensagem demagógica, solicitando fosse votado um aumento geral para o funcionalismo civil e militar da União.

Na realidade, que visava a mensagem?

Além de ser uma tentativa para levantar o prestígio, mais baixo do que nunca, do governo de Dutra no seio das classes armadas e dos servidores da União, a mensagem é, por seu turno, uma tentativa de torpedeamento do projeto Grabois, retirando-lhe o caráter democrático de beneficiar, em geral, todos os militares, indistintamente.

O que tramam Dutra e os homens do "partido americano" é a concessão de aumento insignificante à grande maioria de oficiais e subalternos das forças armadas, favorecendo, apenas, aos que se encontram nos postos hierárquicos mais elevados. Porque, como demonstrou o major Henrique Oest, no seu último discurso antes de ter cassado o seu mandato, a única solução para a ativa situação em que vive a grande maioria de oficiais de nosso Exército, é a aprovação integral, sem mutilações, do projeto Grabois. Só este projeto vem ao encontro das necessidades reais de oficiais e subalternos das forças armadas, sem restringir os benefícios do aumento, como querem os homens do "acordo americano", aos oficiais superiores.

### INCAPACIDADE DO GOVERNO PARA AUMENTAR VENCIMENTOS

Mas, ainda com o sentido demagógico que pretendeu dar à sua mensagem, a Câmara de Cassadores — que faz tudo o que manda o Executivo — não moveu um dedo para aprovar qualquer aumento de vencimentos.

Por que? Porque, evidentemente, o governo não está interessado no aumento pelo simples motivo de ser incapaz de melhorar as condições de vida de qualquer setor de nossa população.

De raiz dos cabelos com os principais inimigos da nossa pátria: os imperialistas americanos.

Precisamente agora o governo enviou à Câmara capitulacionista seu projeto de entrega do nosso petróleo à Standard Oil, o poderoso "trust" ianque que mata de fome milhões de criaturas no Oriente Médio, na Venezuela, nas Caraíbas, enquanto, para realizar seus negócios, chega inclusive à provocação de guerra, como no Chaco, na década de 30.

Dutra não deseja que o povo tome conhecimento da verdade sobre o projeto de entrega do petróleo aos americanos. Outro motivo para o fechamento da "Tribuna Popular" por seis meses.

Há também o negócio das bases militares, que os Estados Unidos desejam recuperar, conforme denunciou há poucos dias a "Tribuna", comprovadamente.

Há o clamor geral das massas trabalhadoras por aumento de salários, contra o pagamento do imposto sindical e outras reivindicações de que a "Tribuna Popular" era o único porta-voz diário no Distrito Federal, com repercussão em todo o país.

SABOTADO PELA CÂMARA O PROJETO DE VENCIMENTOS DE MILITARES E CIVIS

A renda nacional, sempre miserável, não permite à atual administração encarar com a responsabilidade de qualquer aumento de vencimentos, enquanto a orientação do governo, com suas concessões aos trusts e monopólios imperialistas e seu apoio ao latifúndio, não abre qualquer perspectiva para elevá-la e, muito menos, para melhorar a sua distribuição, em benefício dos trabalhadores e do povo.



**LUTA CONTRA A FOME**  
Um governo como o de Dutra não pode conceder aumento ao funcionalismo da União sem recorrer a novas emissões.

Sua preocupação, é, então, sabotar qualquer aumento de vencimentos, de ordenados e salários, em benefício dos grandes negociatas, dos trusts e latifundiários que descarregam assim, todo o peso da situação catastrófica em que foi lançada a nossa economia sobre os trabalhadores.

Daí, justamente, a importância das lutas econômicas por melhores salários e vencimentos que, além de atenderem à

## Dos Estados Levantando as Reivindicações dos Bairros

### UM EXEMPLO DO MUNICIPIO DE CAMPOS — CONHECIMENTO CONCRETO DAS REIVINDICAÇÕES LOCAIS

Moradores do Bairro de Guarús, no município de Campos, Estado do Rio, depois de se reunirem para discutir a situação de seu bairro e estudar a solução dos problemas de interesse mais geral, formularam o seguinte programa de reivindicações, que foi apresentado aos demais moradores, no seguinte manifesto, distribuído em folhetos:

"Ao povo da Guarús: Neste manifesto vimos chamar os moradores de nosso bairro para lutar por suas reivindicações.

O nosso Distrito deu uma renda à Prefeitura, em 1946, de Cr\$ 357.360,70, sendo o Imposto Predial e de Indústria e Profissões de Cr\$ 77.666,60; e, ainda agora, vão aumentar o Imposto Predial pela revisão do valor locativo.

Mas não temos água, esgotos, iluminação pública, assistência médica; enfim, nada.

A nossa beira-rio vive nas trevas e a ponte é um perigo de vida para quem a atravessa de noite.

Que benefícios recebe a nossa população para que se esteja a exigir o cumprimento do Código de posturas?

Deram, agora, para caçar os porcos e cabritos, criações que matam a fome de muitos lares, pois que, os salários são miseráveis e o custo das mercadorias sobe diariamente.

Precisamos que o Prefeito mande botar 3 (três) lâmpadas na ponte, mande iluminar a "beira-rio", outras ruas e calçar a AVENIDA, que mande capinar os matagais e abrir valas de escoamento para as águas estagnadas. Também precisamos que faça um cáis como do outro lado e não um dique para encurralar este lado.

Precisamos de LUZ, AGUA E ESGOTOS, POSTO MEDICO, ESCOLAS, etc. DEVEMOS ORGANIZAR A SOCIEDADE DOS MORADORES DE GUARÚS PARA LUTAR POR ESSAS REIVINDICAÇÕES.

A COMISSÃO"

Esta iniciativa pode servir de exemplo aos moradores dos diversos bairros, em qualquer município:

**ESTADO DO RIO**  
CAMPOS, (de Adão Ve... nosso correspondente) — Verificou-se, na Fazenda Barra Seca, do Lamego, um caso mercedor de registro, apesar de silenciado pela imprensa local. Os trabalhadores rurais, assalariados, premiados pela fome, que é econômica nos seus lares, mataram uma vez e entregaram o corpo ao administrador.

Indo a polícia ao local, intimou os trabalhadores a denunciar os autores do "crime". Esses, porém, responderam que não foi cometido nenhum crime, pois apenas mataram a fome que lhes impediu os salários miseráveis que recebem. Afirmaram, ainda, numa demonstração de unidade e solidariedade, que, se a polícia considerava aquilo um "crime", todos eram responsáveis pelo mesmo.

## PORQUE FOI SUSPENSADA A "TRIBUNA POPULAR"

Há os protestos do povo contra os ininterruptos aumentos do custo de vida, com os preços em ascensão constante, como acaba de acontecer com o pão, o feijão e a farinha de mandioca.

Há finalmente a indignação popular ante a traição de falsos democratas que se mascararam de "oposição" e que hoje capitulam ignominiosamente perante a ditadura de sr. Dutra e os imperialistas americanos que a sustentam.

É tudo isso que o governo de traição nacional que aí está não deseja que se esclareça junto às grandes massas do povo. Daí o extravasamento de seu ódio impotente contra a "Tribuna Popular", procurando liquidá-la financeiramente pelo cercamento de sua atividade normal.

O povo, entretanto, conhecendo os homens do governo Dutra, fascistas marcados, sabe a que finalidade servem seus atos arbitrários, de caráter nazista. O povo saberá responder a crimes como esse prestando maior apoio à "Tribuna Popular" e aos demais jornais populares que defendem os interesses nacionais. E, também, lutando, através de organizações de massa, pela defesa da liberdade de imprensa, como uma conquista que deve ser salvaguardada a todo preço.



# O PROLETARIADO NÃO DEVE PAGAR O IMPOSTO SINDICAL

## Levantem Os Camponeses As Suas Reivindicações

O LATIFUNDIO ENTRA EM PANICO A UM GESTO DEMAGOGICO DE BORGHI ★ QUAL DEVE SER A POSIÇÃO DOS CAMPONESES DIANTE DO CONGRESSO RURAL DE SÃO PAULO

Uma simples farsa demagógica do negociista Hugo Borghi — um negociista nem melhor nem pior do que os camaradas do sr. Dutra — está provocando imenso alarido nas fileiras da reação, mostrando, antes de tudo, as contradições que lavram no próprio seio das classes dominantes.

De que se trata? Por que tanta gritaria? As matérias pagas chegam na imprensa «sadia», com títulos como: «A NAÇÃO». E a direção da UDN em São Paulo clamando contra a palhaçada de Borghi. São os senhores latifundiários, que ontem vendiam algoão a Borghi, espumando de indignação porque Borghi prometeu convocar um «Congresso de camponeses» no Parlamento.

A proclamação da UDN denuncia o plano de Borghi como «pretextivo à luta de classes». É necessária que as associações de proprietários rurais levantem-se unânimes em defesa de seus legítimos interesses, isto é, dos interesses do monopólio da terra.

Mas, pergunta-se, Borghi é contra os latifundiários, é contra o monopólio da terra e a favor dos trabalhadores sem terra?

QUEM É BORGHI Não, não se irata disso. Borghi é realmente um demagogo, um oportunista que, à frente da Secretaria de Agricultura do

governo de São Paulo, quer preparar terreno para sua candidatura a governador do grande Estado. Para isso convoca um «Congresso» onde pretende reunir, a 29 deste mês, 200 mil trabalhadores agrícolas.

E — pôde indagar-se ainda — os comunistas são contra isto?

Os comunistas sempre lutaram pela verdadeira organização dos trabalhadores do campo, pois só assim poderão eles conseguir melhores contratos de trabalho, terra para seu próprio cultivo, a efetivação de uma verdadeira reforma agrária. O que os comunistas denunciam é a demagogia de Borghi, um saltador de estrada que não visa de forma alguma beneficiar os sem-terra, mas explorá-los politicamente. Borghi continua aliado dos latifundiários e a eles continuará servindo — pois o melhor meio de fazê-lo é justamente colocar-se ao lado de Dutra e Ademar de Barros.

Não será entretanto a rebeldia de seus inimigos que os camponeses conseguirão lutar por suas reivindicações. Se o Congresso se efetivar, a massa camponesa chegará mais facilmente ainda a esta conclusão. A sua vitória só será alcançada na luta efetiva contra as atuais condições de trabalho e vida que lhes são impostas pelos latifundiários e pelos instrumentos do imperialismo americano no governo.

### PANICO ENTRE OS LATIFUNDIARIOS

Entretanto, a preparação do Congresso rural serve para desmascarar muitos dos atuais aliados do sr. Dutra, os quais imediatamente entram em pânico e clamaram socorro, achando que seus feudos estão em grave perigo.

Que esse clamor denuncia apenas o medo dos senhores de terra de que o Congresso possa despertar a grande massa camponesa para a luta efetiva pela reforma agrária, previam-no os telegramas sucessivos enviados ao sr. Dutra para que impeça a realização do Congresso.

Como vimos, o manifesto da UDN de São Paulo denuncia a convocação do Congresso como «incentivo à luta de classes». O «Correio da Manhã» de 17 do corrente publica um telegrama de latifundiários de Campinas batendo na mesma tecla. Por sua vez, os senhores do PSD também se movimentam para solidarizar-se com os senhores udenistas. Outro telegrama ao ditador mostra-nos

claramente o latifúndio em ação, tremendo de medo. Diz o telegrama: «A Associação Rural de Descalvado... representando 210 agricultores, noventa por cento da área cultivada do Município, etc. «Preenchido de perturbação da ordem» — grita a Sociedade Rural brasileira da França. Servirá (o Congresso) apenas para fomentar a luta de classes e beneficiar o extremismo!» — ecoa a Associação Rural de Campinas. E um dos órgãos dos senhores de terra, «O Estado de São Paulo» vai mais longe, vaticinando que «No «viveiro» do Pacaembu se ateará a chama que poderá em perigo a República...»

### OS CAMPONESES PODEM SER INVENCIÁVEIS

Que revelam esses clamores dos senhores de terras, senão, principalmente, a fragilidade das bases em que está assentado o latifúndio, o monopólio da terra em nosso país?

Os trabalhadores agrícolas ainda não têm fortes organizações, ainda não lutam como devem pelas suas reivindicações. Procura colocar-se à sua frente um aliado dos latifundiários, um inimigo dos camponeses. Mas, apesar disso, os senhores de terras se consideram seriamente ameaçados...

O fato nos mostra que força extraordinária e invencível serão os camponeses ouvidos, organicamente, em ligas, associações, cooperativas, sociedades, etc., sem ilusões nas promessas de um negociista qualquer como Hugo Borghi, iniciarem uma luta efetiva por aquelas reivindicações — mais imediatas apontadas por Prestes em seu recente Manifesto, outra a miséria no campo, por melhores salários, por ferramentas baratas, contra os vales e lrações, pela baixa do arrendamento das terras.

Uma das atitudes concretas que podem ser tomadas agora, em face ao «Congresso», deve ser a realização de assembleias de camponeses, em cada fazenda, em cada localidade, quando os camponeses escolherem seus verdadeiros representantes para o Congresso, levantando suas próprias reivindicações. Desta forma, podem impedir que Borghi e Ademar indiquem representantes a dedo, de acordo com as suas conveniências.

Os próprios camponeses, reunidos, discutindo conjuntamente seus problemas, encontrarão as melhores formas de levar adiante sua luta contra a monstruosa exploração de que são vítimas, tornando possível melhorar suas condições de vida.



## GOVERNAMENTO de traição

«Estamos em face de um governo de traição nacional, que, a serviço do imperialismo norte-americano, fomenta nosso povo, liquidando a indústria nacional, impede o progresso do país e entrega a nação à exploração total dos grandes bancos, trusts e monopólios norte-americanos, governo o mais inepto que já tivemos, incapaz de resolver qualquer problema nacional, governando a carestia crescente, a miséria e a fome cada vez maiores, governo inimigo do povo e do qual, por isso mesmo, o Partido Comunista do Brasil se orgulha de ser o mais predileto e mais diretamente visado».

«Do Manifesto de Prestes» — 23-1-48.

# A CLASSE OPERÁRIA

ANO II — RIO DE JANEIRO, 21 DE FEVEREIRO DE 1948 — Nº 112

## ILEGAL E CONTRA OS TRABALHADORES O PAGAMENTO DO IMPOSTO SINDICAL

Os trabalhadores desde muito tempo vêm reclamando contra o pagamento do imposto sindical, que suga um dia de trabalho de seus miseráveis salários, para alimentar a máquina burocrática do Ministério do Trabalho — os seus pelegos, as «manifestações espontâneas» que promove, as negociações, em que se metem. Nenhum benefício retiram os trabalhadores desse imposto. Antes, pelo contrário, as quantias assim arrecadadas têm sido chupradas para sustentar conhecidos traidores da classe operária, que se prestam ao jogo policial do Ministério contra os sindicatos e os movimentos de reivindicações dos trabalhadores.

O imposto sindical foi instituído no regime do Estado Novo e, de acordo com a Constituição de 37, podia ser cobrado «legalmente», pois que, como salientou em recente parecer o juiz Alcino Falcão, visava favorecer o corporativismo estatal — e o corporativismo copiado dos regimes fascistas constituía, pelo menos teoricamente, um dos princípios básicos do chamado «Estado Forte».

Com a promulgação da Constituição de setembro de 46, porém, a cobrança de tal imposto tornou-se ilegal e arbitrária, pois contraria fundamentalmente os dispositivos e o espírito constitucionais, desde que as organizações profissionais não são reconhecidas como órgãos integrantes do Estado, como o eram na Constituição de 37.

Esse, o caráter constitucional da questão, que por si só justifica que os trabalhadores neguem ao pagamento do imposto sindical. Mas, há outro aspecto, ainda, e de maior importância. É o destino que é dado ao impo-

to sindical pelo Ministério do Trabalho. Como se sabe, este imposto é baseado no desconto obrigatório e compulsório de um dia de trabalho, por ano, de cada trabalhador, juntamente com uma percentagem fixa sobre o capital das empresas. Ao Banco do Brasil é recolhido 25 por cento da quantia assim obtida, que vai constituir o chamado Fundo Social Sindical — que deveria, hoje, atingir a uma verba superior a 100 milhões de cruzeiros.

Esse dinheiro, entretanto, nunca foi aplicado em qualquer coisa que dissesse com os interesses dos trabalhadores e de seus sindicatos. Ainda o ano passado, o deputado João Amazonas apresentava à Câmara um pedido de abertura de inquérito sobre a arrecadação e aplicação do Fundo Sindical. O inquérito não foi aberto. Mas todo mundo sabe que essa vultosa quantia de mais de cem milhões de cruzeiros tem sido gasta entre os pelegos policiais do Ministério, em banquetes e «manifestações espontâneas de solidariedade» encomendadas pelo Ministério, em viagens e passeios como esta que fizeram ao Peru para participar da Conferência «Trabalhistas» de Lima, promovida pelo imperialismo ianque, os agentes de Morvan Figueiredo.

De modo que, em lugar de beneficiar os trabalhadores, o imposto sindical é empregado contra os interesses da classe, contra a liberdade sindical, contra a livre organização do proletariado e serve, ainda, para as negociações cínicas do ministério de negociatistas que compõe o governo de traição nacional do sr. Dutra.

### NAO PAGAR O IMPOSTO

Deste modo, nada mais justo do que o movimento que começa a ganhar intensidade entre os trabalhadores, para que os mesmos se recusem, agora, em março, ao pagamento do imposto sindical. Em São Paulo os trabalhadores estão decididos a se recusar ao desconto de um dia de trabalho em seus mínguaos salários, pois não estão dispostos a sustentar a corrupção e a opressão dentro de seus organismos profissionais, com o dinheiro que lhes é extorquido na cobrança do imposto sindical — além do mais, de acordo com a Constituição, indébito e ilegal.

Que os operários mais conscientes, em toda o país, saibam convencer com argumentos os seus companheiros de trabalho e, unidos, se mobilizem contra a escuridão em seus salários que Dutra e Morvan querem continuar praticando, ilegalmente. Que nenhum trabalhador se submeta ao desconto, na próxima mês, de seu salário — e se seus patrões insistirem nesse desconto, saibam os trabalhadores, unidos e organizados em comissões profissionais ou de empresa, protestar energeticamente contra esse roubo, recorrendo a outros meios justos para impedir o roubo, pois os próprios tribunais competentes estão dando ganho de causa aos operários. Entretanto, é o movimento de massas organizado que decidirá da vitória dos trabalhadores nessa questão, como nas demais que lhes dizem respeito.

### «PROBLEMAS» A cultura ao seu alcance

### A Classe Operária...

«Conclusão da Pagina Central»

«...os dominantes os que traíam os interesses do nosso povo.»

A classe operária do nosso país, e os comunistas em particular, já demonstraram na prática possuir aquele «sentido nacional» de que falavam os autores do «Manifesto Comunista». É esse sentido nacional que os leva a se colocarem à frente da defesa dos interesses do país ao denunciarem, por exemplo, o sórdido plano de capitulação do governo Dutra aos monopólios americanos «Ser patriota — ensina Prestes — não é expor um quadro falso da realidade nacional; ser patriota é alertar toda a Nação para o que há de triste e revoltante nessa realidade».

«Quem, senão os comunistas, tem praticado sistematicamente esse verdadeiro patriotismo?»

Segunda «notícia «O Democrata», de Fortaleza, entraram em greve os tecelões da Capital cearense, paralisando o trabalho em todas as fábricas.

O movimento tinha o objetivo de exigir o imediato pronunciamento da Justiça do Trabalho, na questão do dissídio coletivo levantado pelo Sindicato daquela corporação — o qual há varios meses vem se arrastando naquele órgão local do Ministério do Trabalho.

Logo de início aderiram em massa ao movimento parietista os operários das Fábricas São José, Santa Cecília, Baturité e Ceará Industrial, ganhando depois a adesão dos trabalhadores das demais empresas têxteis.

Isso demonstra como é sentido pelo proletariado o problema do aumento geral de salários, para fazer face ao encarecimento astronômico e crescente do custo de vida, que reduz os ingressos dos trabalhadores a verdadeiros salários de fome, incapazes, até, de garantir a sua alimentação juntamente com a de sua família. Nessas condições, é evidente que os trabalhadores não podem ficar à mercê das manobras parietais na Justiça do Trabalho, vendo arrastar-se indefinidamente todos os dissídios coletivos que têm levantado, enquanto a fome, a ignorância e a miséria assolam os seus lares.

# RECORREM À GREVE OS TECELÕES DE FORTALEZA

- ★ UM EXEMPLO DE DECISÃO E FIRMEZA
- ★ A GREVE É UM DIREITO SAGRADO DO PROLETARIADO

É, por isso, justo e necessário que os trabalhadores, como bem compreenderam os tecelões cearenses, recorram a todos os meios de luta que forcem os patrões — em regra geral inclinados a descarregar sob os ombros dos trabalhadores todo o peso das dificuldades financeiras criadas por um regime de descalabro econômico, como o de Dutra — a melhorar os níveis atuais de salários e as condições de trabalho de seus operários e empregados. Denunciando-se em greve, os tecelões cearenses recorrem a um direito legítimo dos trabalhadores — mais do que legítimo, SAGRADO, como bem diz o histórico manifesto de Prestes, e dá um exemplo a todos os trabalhadores bra-

sielros sobre o caminho a seguir na luta contra a fome, a exploração e a opressão — que caracterizam o governo de latifundiários e serviais de imperialismo do sr. Dutra.

O proletariado não pôde esquecer nunca, especialmente sob um regime de exploração descarada como o em que vivemos, aquela célebre advertência de Marx, feita em 1845, diante do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores:

«Se a classe operária renuncia à resistência contra a exploração do capital, ela se rebela, a não ser mais do que uma massa informe e esmagada de séres famélicos, aos quais não é possível vir com socorros.»

